

Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação



KALY NANCY LISBOA REGO

**O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria –
Tracuateua/PA**

Belém/PA
2019

KALY NANCY LISBOA REGO

**O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria –
Tracuateua/PA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado da Universidade do Estado do Pará, Linha Saberes Culturais e Educação na Amazônia, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr. Nazaré Cristina Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
Biblioteca do CCSE/UEPA, Belém - PA

Rego, Kaly Nancy Lisboa

O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria-Tracuateua-Pa:/
Kaly Nancy Lisboa Rego; orientação de Nazaré Cristina Carvalho, 2019.

Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Pará,
Belém, 2019.

1.Brincadeiras. 2. Crianças - Desenvolvimento. 3. Educação de crianças.
4. I. Carvalho, Nazaré Cristina (orient.). II. Título.

CDD. 23º ed. 372.21

Bibliotecária: Regina Ribeiro CRB-2739

KALY NANCY LISBOA REGO

**O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria –
Tracuateua/PA**

Banca examinadora

_____. Orientadora
Prof.^a Dr. Nazaré Cristina Carvalho
Doutora em Educação e Cultura
Universidade do Estado do Pará – UEPA

_____. Membro externo
Prof.^a Dr. Laura Maria Silva Araújo Alves
Doutora em Educação
Universidade Federal do Pará – UFPA

_____. Membro interno
Prof.^a Dr. Denise de S. Simões Rodrigues
Doutora em Sociologia
Universidade do Estado do Pará – UEPA

Dedico a todas as crianças que fazem parte de minha vida.

Agradecimentos

Agradeço a realização deste trabalho primeiro a meus pais, pela formação que me deram, pela possibilidade de ser quem eu sou. Agradeço a toda minha família que mesmo sem entender direito o que tanto eu estudava, não deixou de acreditar e torcer para que eu terminasse com sucesso. Como exemplo, meu filho Arian (10 anos) ao perguntar sempre que eu demorava para liberar o computador: “Mãe, só me diz uma coisa, a senhora está no início, no meio ou no fim?”. Agradeço a meu esposo por todo apoio a mim dispensado.

Agradeço a minha orientadora, Prof.^a Dr. Nazaré Cristina Carvalho, pela competência em conduzir-me até a finalização deste. A todos os professores que contribuíram com reflexões, estímulos, exemplos e atitudes que me fizeram querer segui-los.

Agradeço aos meus colegas pela interação e diálogos. Colegas da Universidade e colegas das escolas que atuo. Lugares onde aprendo a cada dia. Agradeço a revisão gramatical da colega Sylvia Calandrini e da organização de imagens da colega Sabrina Carvalho.

Agradeço as minhas companheiras de viagens que dividiram comigo as emoções de estar na Vila de Santa Maria. Agradeço a minha velha tia Dadá pelo acolhimento em todos os momentos que estive na Vila pesquisando com as crianças e a todos do lugar pela disposição de me ajudarem no que eu precisei. Agradeço em especial às crianças por me apresentarem suas brincadeiras, mas não só isso, por me oportunizarem conhecê-las e aprender com elas. Um pouco de cada uma ficou em mim e isso me fez mais feliz.



Nas cidades grandes casas fecham a vista à chave, escondem o horizonte,
empurram o nosso olhar para longe de todo céu.
Tornam-nos pequenos porque a nossa única riqueza é ver.
(Roberto Caetano)

RESUMO

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA**. 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

A pesquisa aqui apresentada sob o título “O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria - Tracuateua/PA” objetivou analisar o brincar das crianças na Vila de Santa Maria no município de Tracuateua/PA, a fim de descortinar saberes que perpassam por estas brincadeiras. O trabalho apoia-se em estudos de Brandão (2002, 2015), Sarmiento (2005), Geertz (2014, 2017), Vigotsky (2009, 2010) Brougère (1998), Huizinga (2004), Duvignaud (1982), Santos (2009) e Ingold (2015). Este se configura em um trabalho de abordagem qualitativa, no paradigma metodológico da etnometodologia. Como técnica de pesquisa, utilizou-se a observação e rodas de conversas com as crianças. Para análise dos dados, a pesquisa pautou-se na análise de conteúdo, tendendo ao tipo de análise interpretativa. A pesquisa ocorreu na Vila de Santa Maria, no município de Tracuateua: um singular pedaço da Amazônia de tradição rural-ribeirinha. Na Vila, a brincadeira é acionada pelas crianças durante todas as horas do dia. Durante a pesquisa, observamos que para as crianças brincar é sinônimo de viver. E viver, especificamente para aquelas crianças é transitar pelos corredores de árvores, acompanhar os adultos em seus espaços de trabalho nos campos, roças, casas de farinha, interagir com os animais que convivem nos ambientes das casas e das ruas, participar das aulas na escola, das atividades da igreja, ver televisão (principalmente programas infantis e novelas), ouvir as conversas entre os adultos, as histórias e os casos que rodeiam a vida da Vila. Muitos saberes foram evidenciados a partir das brincadeiras dessas crianças.

Palavras-chave: Brincar. Saberes. Cultura.

ABSTRACT

REGO, Kaly Nancy Lisboa. "The play and the knowledge of children in the village of Santa Maria Tracuateua/Pa". 2019. 96f. Dissertation (Master in Education) - University of the State of Pará, Belém. 2019.

The research presented here under the title "The play and the knowledge of children in the village of Santa Maria Tracuateua/Pa" aimed at analyzing the play of children in the village of Santa Maria in the municipality of Tracuateua/PA, in order to discover the knowledge that permeates for these games. The work is based on studies by Brandão (2002, 2015), Sarmiento (2005), Geertz (2014, 2017), Vigotsky (2009, 2010), Brougère (1998), Huizinga (2004), Duvignaud, Santos (2009) and Ingold (2010). This is a work of qualitative approach, in the methodological paradigm of ethnomethodology. As research techniques we use observation and conversation wheels with children. For analysis of the data, the research was based on content analysis, tending to the type of interpretive analysis. The research was carried out in the Vila of Santa Maria, in the municipality of Tracuateua, a singular piece of the Amazon of rural-riverine tradition. In the Village, play is played by the children during all hours of the day. During the research, we observed that for children to play is synonymous with living. And living specifically for those children is to walk through the tree-lined aisles, to accompany the adults in their work spaces in the fields, farms, flour houses, interact with the animals that live in the environments of the houses and the streets, attend classes at school, church activities, watch television. (Mainly children's programs and soap operas), listening to the conversations between the adults, the stories and the cases that surround the life of the Village. Many knowledge were evidenced from the games of these children.

Keywords: To play. Knowledge. Culture.

ABREVIATURAS

FEIPA – Fórum de Educação Infantil do Pará

MIEIB – Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Pará

SEDUC/PA – Secretaria de Estado de Educação do Pará

UEPA – Universidade do Estado do Pará

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

UFF – Universidade Federal Fluminense

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

TCLE – Termo de Consentimento Livre Esclarecimento

CONEP – Comissão Nacional de Ética na Pesquisa

CNS – Conselho Nacional de Saúde

MS – Ministério da Saúde

RESEXM – Reserva Extrativista Marinha de Tracuateua

ICM – Instituto Chico Mendes

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Campos naturais de Tracuateua, na vila de Santa Maria, em época de seca.....	16
Imagem 2 – Campos naturais de Tracuateua, na vila de Santa Maria, em época de cheia.....	17
Imagem 3 – A vila de Santa Maria	23
Imagem 4 – O brincar de casinha.....	27
Imagem 5 – Primeira roda de conversa da pesquisa	28
Imagem 6 – Desenhos da primeira roda de conversa.....	29
Imagem 7 – Cavaleiros na Rua da Amizade, na vila de Santa Maria.....	39
Imagem 8 – Mapa de localização do município de Tracuateua.....	40
Imagem 9 – Vista panorâmica do centro comercial da vila de Santa Maria	41
Imagem 10 – Casa de farinha da Vila.....	43
Imagem 11 – O brincar de andar de bicicleta.....	46
Imagem 12 – O brincar com bola.....	49
Imagem 13 – O brincar de cozinhar.....	53
Imagem 14 – O brincar nas crianças no cajueiro.....	56
Imagem 15 – O brincar de crianças nos campos alagados.....	57
Imagem 16 – A escola da Vila.....	58
Imagem 17 – O brincar de casinha embaixo da magueira.....	62
Imagem 18 – O brincar de escola.....	64
Imagem 19 – O brincar de boneca.....	66
Imagem 20 – O brincar de bola.....	68
Imagem 21 – O brincar de balanço no quintal.....	73
Imagem 22 – O cozinhar.....	78
Imagem 23 – O poço da mãe d'agua.....	80

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Crianças pesquisadas com nome, idade e composição familiar.....	38
Quadro 2 – Brincadeiras coletadas na vila de Santa Maria com os intérpretes da pesquisa.....	61

SUMÁRIO

SEÇÃO I –TUDO COMEÇA COM UM... BORA BRINCAR?.....	12
SEÇÃO II –TRILHA METODOLÓGICA.....	23
2.1 A ESCOLHA DO CAMINHO	23
2.2 OS INTÉRPRETES DA PESQUISA: AS CRIANÇAS DA VILA DE SANTA MARIA.....	31
2.3 LÓCUS DA PESQUISA	37
SEÇÃO III –O DIÁLOGO ENTRE AS BRINCADEIRAS E OS SABERES	45
SEÇÃO IV– O BRINCAR NA VILA: SABERES DAS VIVÊNCIAS	54
4.1 SABERES QUE VÊM DO BRINCAR.....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS.....	86
APÊNDICE.....	90
APÊNDICE A – Of. nº 02/2018 – PPGED-CCSE – UEPA.....	90
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	91
APÊNDICE C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGENS.....	93
APÊNDICE D – TERMO DE COMPROMISSO DA PESQUISADORA.....	94
APÊNDICE E – COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO.....	95

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.



SEÇÃO I – TUDO COMEÇA COM UM... BORA BRINCAR?

Quando ainda criança, junto a minhas irmãs, ouvia o convite: “Bora brincar?”, uma mágica acontecia dentro de mim. O prazer em estar com minhas irmãs, brincando de boneca de papel, inventando roupas com os lençóis, reunindo os amigos para brincadeira da macaca, pira, bandeirinha, elástico. Era simplesmente a felicidade. Momentos felizes de uma infância completa, oportunizada por nossos pais. Hoje, minha felicidade está em ouvir os colegas de meu filho lhe fazerem o mesmo convite. Talvez isto possa significar que os momentos mágicos de prazer da brincadeira ainda sobrevivem. É por acreditar nisso que optei por pesquisar sobre o brincar, na tentativa de captar os saberes que perpassam o brincar das crianças da Vila de Santa Maria, no município paraense de Tracuateua, num descortinar de sentimentos e emoções vivenciadas através da ludicidade.

Abordar um tema que envolva crianças me remete ao próprio trabalho que desenvolvo como professora, em atuação por 23 anos. Uma profissão que, à primeira vista, tem a razão intelectual no comando de sua atividade. Todavia, um olhar mais atento desvela que, mesmo quando na relação professor e aluno está em pauta a razão intelectual, no detalhamento de algum conceito ou concepção construído historicamente ou na formulação de ideias sobre um assunto a que nos diz respeito enquanto homens, são os sentimentos e as emoções que ambientalizam todo o processo para razão intelectual agir.

As minhas experiências de docência, ao envolver-me também como militante do Fórum de Educação Infantil do Pará – FEIPA e do Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil – MIEIB, abriu-me a percepção do campo de estudo que atuava. E posso dizer que o diálogo nos fóruns com as diversas pesquisas no âmbito das crianças e das suas atividades, principalmente na linha do

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

empoderamento infantil e dos direitos negados, levou-me a iniciar a construção de um objeto de estudo que viesse ao encontro da relação intelectual/emocional do professor e o aluno, principalmente o aluno criança. Direcionei-me aos estudos dentro da sociologia da infância, nos quais foram importantes as leituras na linha referencial de Manoel J. Sarmiento (2005), no que diz respeito à reivindicação do *status* político da criança:

A infância deve a sua natureza sociológica, isto é, o constituir-se como um grupo com um estatuto social diferenciado e não como uma agregação de seres singulares, à construção histórica de um conjunto de prescrições e de interdições, de formas de entendimento e modos de atuação, que se inscrevem na definição do que é admissível e do que é inadmissível fazer com as crianças ou que as crianças façam (SARMENTO, 2005, p. 367).

Suas afirmações me fizeram refletir sobre o pensar a infância que sempre esteve presente em nós, o que limitava a criança ao ser frágil, incompetente e inútil. O autor auxilia na reflexão de que a criança tem predisposição a ser mais do que costumamos projetar para ela.

Ao chegar para pesquisa de campo em julho de 2017, minha abordagem junto às crianças precisou ser reconstruída. Primeiro porque elas – as crianças – nunca se mostraram ingênuas como minha cabeça de adulto ainda as projetava. E segundo porque, desde o começo, elas fizeram-me compreender que eu precisava calar para desenvolver a pesquisa. O meu primeiro trabalho estava em aprender a ouvi-las.

Em uma das primeiras casas de criança, ainda candidata a participar desta pesquisa, encontrei Carlos na sala com o avô, em meio a muitos caminhões de brinquedos enfileirados. Ele se revezava mexendo ora num caminhão, ora noutro. Às vezes, parava um pouco para me ouvir conversar com seu avô e depois voltava aos caminhões. E quando perguntei empolgada – imaginando receber mil histórias de resposta – aonde iam todos aqueles caminhões, Carlos respondeu-me direto e seguro: “Não vão a lugar nenhum, vão ficar aí mesmo”. Ali comecei a entender que esta pesquisa não seria minha, seria das crianças.

As crianças de meu trabalho em escolas a todo o momento afirmam essa predisposição de ser mais do que pensamos que elas são, é claro que nem sempre acompanhada de uma condição social de manifestação de seu potencial.

No trabalho técnico com a política de educação infantil do Estado, dentro da Secretaria de Estado de Educação do Pará – SEDUC/PA, ano de 2007 a 2010,

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

deparei-me com um quadro alarmante de inexistência de instituições educativas (creche) nos municípios paraenses (em 2008, contabilizávamos o incômodo 96% de déficit paraense com crianças de 0 a 3 anos sem atendimento institucional escolar¹) o que, infelizmente, vinha ao encontro da afirmação da não condição social para demonstração de um potencial e da afirmação dos direitos negados à criança.

E se não bastassem os índices negativos de existências de instituições educativas para crianças de zero a três anos, estudos nas áreas de planejamento escolar, currículo e formação de professores davam o alerta para o descompasso das políticas que concebiam as escolas pré-escolares para crianças de quatro e cinco anos e o ineficiente atendimento escolar para crianças de seis, sete e oito anos no primeiro, segundo e terceiro ano (chamado em alguns documentos de ciclo da infância) do chamado ensino fundamental de nove anos². Ao que parece, existe um distanciamento operacional dessas políticas com os estudos sobre as crianças e as infâncias que minavam o mundo, numa formulação crescente junto à psicologia social, antropologia da criança, história cultural das infâncias e a própria sociologia da infância.

No Pará, visitando um razoável número de municípios, ouvi relatos e vi estruturas escolares que em nada contribuíam com a valorização do potencial infantil. Se as crianças não estavam na escola, o Estado não tinha responsabilidade sobre a atuação das crianças, suas brincadeiras e seus saberes.

Afirmo minha posição de defesa do espaço educativo a que toda a criança tem direito. Isso de maneira alguma despreza os territórios de saberes presente na vida das crianças em lugares que não são a escola e onde o estado não poderia ser isento de atuar. E foi nesses espaços, às vezes de maneira mais livre, longe da vigilância adulta, que vi muita criança transbordando alegria. Elas estavam brincando.

Foi no caminho do mestrado que aprofundei a busca por teóricos que dialogassem sobre a ludicidade infantil e sua relação com a resistência que isto

¹ Ver o documento “Política de Educação Infantil”, produzido pela Secretaria de Estado de Educação em 2010 (cf. PARÁ, 2010).

² A configuração de níveis de ensino conforme as atuais leis educacionais brasileira são: no nível de ensino Educação infantil, modalidade creche para crianças de 0 a 3 anos de idade, modalidade pré-escolar para crianças de 4 e 5 anos; no nível de ensino fundamental, para idade de 6 a 14 anos, 1º ao 9º ano; e no nível médio, para idade de 15 a 17 anos, 1º ao 3º ano.

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

pode provocar no âmbito político-social. Conheci no Instituto de Educação da Universidade Federal do Pará discussões sobre a relação das crianças e suas brincadeiras e me interessei por estudos sobre o brincar como a principal atividade infantil.

Quando, em 2017, ingressei no mestrado em educação do Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará – UEPA, novas leituras vieram compor minha empreitada, acrescentando-me valiosas contribuições a respeito da própria epistemologia e do olhar sensível que precisa ser construído ao fazer pesquisa na Amazônia.

Durante o mestrado, conheci com mais profundidade as obras de Boaventura de Sousa Santos (2009) sobre a existência de saberes que a lógica de uma razão intelectual desconhece; Clifford Geertz (2014) e seu cabedal antropológico sobre os saberes locais e as interpretações das culturas; Carlos Brandão (2002) sobre as teias culturais que nos constituem; e Tim Ingold (2010) que me fez refletir, especificamente sobre uma educação que flui da percepção das coisas.

Seguindo a trajetória de encontros com as diversas abordagens sobre a cultura e os diversos aspectos que envolvem os saberes, tenho como objeto de pesquisa o brincar, na tentativa de aproximar-me da compreensão da relação criança/brincadeira/saberes, a partir do território da ludicidade.

A Vila de Santa Maria, no município de Tracuateua, é o lócus desta pesquisa. Desde as primeiras aproximações com a Vila, ainda em minha infância, o fascínio referendava esse lugar em mim. O brincar era cheio de inspirações da natureza e da vida na Vila, tendo os cafezais nos quintais das casas e as sombras das mangueiras como espaços prediletos para organizar as brincadeiras com minhas irmãs e primos. Naquele tempo, a Vila de Santa Maria já me contagiava com suas histórias e tipos de vida. As férias passadas nesse lugar tinham um sabor especial. Um certo maravilhamento que eu não sabia explicar – e acredito que por mais que tente, nunca vou saber. Convivi com a Vila aproximadamente de meus seis aos quinze anos, e, sob a proteção de minha mãe, não avançava dos limites estabelecidos nas proximidades das casas dos tios e tias. O bastante para a experiência de liberdade, que marcou toda a minha vida.

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

Hoje, as reaproximações que por conta desta pesquisa realizei, revelam-me que a Vila tem muito mais que o valor que consigo dimensionar em mim; tem seu valor na fartura simples de uma vida cravada na realidade e símbolos de uma natureza aberta. Estamos falando de uma Amazônia de campos naturais. Uma verdadeira savana brasileira de singularidade de difícil explicação. Um misto de terra, verde, céu e água a que muito se comparam as poéticas bachelardianas³.

Em meu diário de campo, registrei um pouco do que vivi e senti ao pisar pela primeira vez na natureza dos campos naturais. Neste momento, despi-me um pouco das intenções da pesquisa para um verdadeiro encontro poético com o lugar.

Segui as orientações de um velho morador e fui olhar os campos [...] ao terminar a cerca, o que víamos impressionava quem estava ali pela primeira vez. Um mar de terra, tipo planície, se estendia perante nossos olhos até onde a vista alcançava. Eu estava pisando nos campos naturais de Tracuateua e a imagem da amplitude daqueles campos fazia-me entender a Vila. Nos campos, ao longe, cavalos, éguas, bois e búfalos soltos numa ação aparentemente tranquila de pastar. Esticando o olhar até a outra margem dos campos, víamos o horizonte se fechar em uma mata. [...] não resisti a tentação de avançar para dentro daquele imenso território e experimentar a sensação de liberdade que aquele lugar proporciona. Ali entendi as histórias das éguas selvagens, ali entendi a opção em não deixar a Vila, ali entendi a indicação para eu ir olhar os campos (Diário de campo em novembro, 2017).

Segundo Aviz (2013, p. 2), “Os campos naturais situam-se principalmente no norte do município, ocupando 20% da área territorial de Tracuateua”.

Imagem 1 – Campos naturais de Tracuateua, na Vila de Santa Maria, em época de seca.



Fonte: Acervo pessoal da autora (2017).

³ Bachelard escreveu poéticas com os temas água, ar, espaço, entre outros. Três de suas obras fizeram parte das referências desta pesquisa e estão na bibliografia.

Imagem 2 – Campos naturais de Tracuateua, na Vila de Santa Maria, em época de cheia



Fonte: Acervo pessoal da autora (2018).

Nas imagens 1 e 2, há a diferença do mesmo território de campos em época de seca e em época de cheia. O ritmo da Vila obedece a esse trabalho da natureza e todos se preparam para de julho a dezembro ter a vila com os campos secos e de janeiro a junho ter a Vila com os campos cheios.

E em meio ao devaneio que me permito quando estou na Vila, ouço passos de crianças. Não mais a minha criança de outrora, mas as crianças de hoje da Vila Santa Maria, donos atuais desse território. Existentes não por existirem, mas por serem existências. E elas brincam.

Diante dessas reflexões e ao achado do lócus, busquei construir esta pesquisa, que não tem pretensão de responder todo o universo dos questionamentos e inquietações que circundam as intenções de estudo, mas as reorganizar num recorte possível no tempo e no propósito do curso de mestrado. Assim, esta pesquisa tem como questão central: *Quais os saberes que perpassam o brincar das crianças da Vila de Santa Maria?* Para responder a esta pergunta, trago as seguintes questões norteadoras: *Do que brincam as crianças na Vila de Santa Maria? Como e onde brincam essas crianças? E quais saberes podemos perceber neste brincar?*

A partir dessas questões, elaborei os seguintes objetivos: o objetivo geral foi analisar o brincar das crianças na Vila de Santa Maria, a fim de descortinar os saberes que perpassam esse brincar. Para operacionalizá-lo construí os seguintes objetivos específicos: mapear as brincadeiras das crianças na Vila de Santa Maria;

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

descrever o brincar das crianças pesquisadas; relacionar os saberes presentes no brincar dessas crianças.

E na busca pelo entendimento dos processos a partir das brincadeiras infantis, fui motivada por estudos em áreas como antropologia, sociologia, pedagogia e psicologia, refletindo por entre os cruzamentos destas. As pesquisas das brincadeiras no campo da ludicidade se entrecruzando por diferentes áreas têm desvelado um mundo instigante, onde fatos e situações colocam-se ao encontro de discussões e com eles valores humanos – estéticos, lúdicos, éticos – de fundamental importância para se pensar a criança e o próprio homem. Aqui os autores que mais utilizei foram Jacinto Sarmiento (2005) com a tese do status político da criança, Lev Vygotsky (2009) e suas reflexões acerca do brincar relacionado a imaginação e a experiência, Brougère (1998) e a pauta da cultura lúdica, Huizinga (2004) e a defesa do caráter transcendental da brincadeira e Duvignaud (1982) com seu conceito interligado de jogo, prazer e devaneio.

Delimitado o objeto da pesquisa, realizei levantamento junto ao Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, nos anos de 2013 a 2016 (últimos quatro anos disponíveis na plataforma) com o intuito de conhecer as pesquisas realizadas sobre crianças e brincadeiras com os seguintes descritores: *brincadeira*, *criança* e *saberes*, no qual obtive o número de 2.639 pesquisas. Fazendo o filtro pelos títulos que conservavam pelo menos dois dos descritores utilizados, obtive 33 pesquisas, das quais 5 são teses e 28 são dissertações. Das pesquisas filtradas, fiz a leitura das 7 que mais tinham aproximação com minha pesquisa, sendo seis dissertações da área de educação e uma dissertação da área da antropologia. A seguir, apresento os títulos e o que objetivou essas pesquisas.

Anízia Marques, com o trabalho intitulado “A ludicidade e o simbolismo na infância: um estudo hermenêutico em uma brinquedoteca escolar do município de São Luís/MA”, apresentado ao mestrado em educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão, objetivou pesquisar a contribuição da ludicidade e do simbolismo para uma educação humanizadora na infância (MARQUES, 2013).

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA**. 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

Cássia Santos, com a pesquisa intitulada “O Brincar nas produções do conhecimento da Creche UFF – Universidade Federal Fluminense”, defendida no mestrado em educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, buscou analisar produções do conhecimento com a temática brincar, elaboradas por meio de atividades de ensino, pesquisa e extensão, realizadas na Creche UFF (SANTOS, 2013).

Guilherme Fians, na pesquisa “Imanências, verdades e contingências: uma etnografia de brincadeiras infantis”, apresentada ao curso de mestrado em antropologia do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional, objetivou mapear as controvérsias apresentadas por crianças e professores, principalmente no que se refere a jogos e a brincadeiras infantis (FIANS, 2015).

Itemar Pinheiro, com a pesquisa “O brincar da criança indígena Sateré-mawé: elo entre a socialização e a formação cultural”, defendida no curso de mestrado em educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas, estudou o brincar das crianças indígenas Satere-Mawé, refletindo sobre os sentidos e significados das diferentes manifestações sociais e culturais presentes na formação da criança e seus desdobramentos no processo pedagógico da escola local (PINHEIRO, 2016).

Meire Machado, na pesquisa “Brincadeiras tradicionais em espaços escolares e não escolares: um estudo na perspectiva teórica de Gaston Bachelard”, apresentada ao mestrado em educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Uberaba, objetivou identificar, nas brincadeiras de criança, a dimensão da imaginação material, no sentido que lhe é dado por Bachelard (MACHADO, 2014).

Shirley Nascimento, com a pesquisa “Saberes, brinquedos e brincadeiras: vivências lúdicas de crianças da comunidade quilombola Campo Verde/PA”, defendida no curso de mestrado em educação do Programa de Pós-graduação da Universidade do Estado do Pará, teve como objetivo desvelar os saberes presentes nos brinquedos e brincadeiras das crianças da comunidade remanescente de quilombo Campo Verde, localizada no município de Concórdia do Pará/PA (NASCIMENTO, 2014).

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA**. 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

E Suely Weber, com a pesquisa “Crianças indígenas da Amazônia: brinquedos, brincadeiras e seus significados na comunidade Assurini do Trocará”, apresentado ao curso de mestrado em educação do Programa de pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará, objetivou desvelar os saberes presentes nos brinquedos e brincadeiras das crianças indígenas da comunidade dos Assurini do Trocará (WEBER, 2015).

Todas as pesquisas citadas revelam o leque de abrangência que os estudos voltados à criança e brincadeira elaboram junto ao conhecimento.

Na investigação de uma aproximação maior com o lócus e o meu objeto, fiz uma busca no banco de teses e dissertações da UFPA e UEPA, usando os mesmos descritores já utilizados, acrescentando o termo *Tracuateua*, para o mesmo período de 2013 a 2016, obtendo duas dissertações da UEPA. As dissertações encontradas foram as seguintes.

Fernanda Aviz, na pesquisa “O olhar da criança do campo sobre a cultura local: um estudo em uma escola de Tracuateua-PA”, defendida no curso de mestrado em educação do Programa de Pós-graduação da Universidade do Estado do Pará, objetivou analisar os significados da cultura local e escolar para as crianças de uma turma de educação infantil multi-idade em Tracuateua/PA (AVIZ, 2016).

Dilma Silva, com a pesquisa “Crianças que dançam, crianças que louvam: saberes e processos educativos presentes na marujada de Tracuateua/PA”, apresentada ao curso de mestrado em educação do Programa de Pós-graduação da Universidade do Estado do Pará, objetivou analisar os saberes e os processos educativos vivenciados pelas crianças durante a Festa da Marujada, no município de Tracuateua/PA (SILVA, 2017).

E por intermédio da qualificação desta pesquisa, recebi da avaliadora externa, Prof.^a Dr. Laura Alves, a indicação, entre outras obras, da tese da professora Simeí Andrade, sob o título “A infância da Amazônia marajoara: sentidos e significados das práticas culturais no cotidiano das crianças ribeirinhas da Vila de Piriá Currálinho/PA”, recém-defendida no curso de doutorado da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, tendo como principal objetivo analisar os sentidos e significados das práticas culturais no cotidiano das crianças ribeirinhas da Vila de Piriá Currálinho/PA (ANDRADE, 2018).

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

E ainda, em orientações da pesquisa com minha professora-orientadora, Prof.^a Dr. Nazaré Cristina Carvalho, recebi para leitura a dissertação “Crianças Quilombolas Marajoaras: Saberes e Vivências Lúdicas” de autoria da professora Érica Peres, defendida no curso de mestrado em educação do Programa de pós-graduação da Universidade do Estado do Pará, tendo como objetivo analisar os saberes existentes nas manifestações lúdicas das crianças residentes na comunidade remanescente de quilombo Vila de Mangueira (PERES, 2018).

As buscas pelas teses e dissertações foram importantes por agregarem a esta pesquisa pontos de atenção na relação criança, brincadeira e cultura que até então não haviam sido enfatizados; as pesquisas despertaram pontos que ainda não tinham sido focados. Por outro lado, indicaram questões outras a serem analisadas, no sentido de contribuir com os estudos até agora feitos. Portanto, esta pesquisa tem sua relevância na discussão de um saber infantil a partir de seu envolvimento cultural, mobilizado e exposto através da ludicidade.

Em que pese o reconhecimento da relevância de todos os estudos aqui descritos para compor o pensamento produzido, ainda existe muito a responder sobre os saberes produzidos por crianças. Pesquisas importantes estão sendo produzidas em grupo de pesquisas sobre crianças e infâncias na Universidade do Estado do Pará e Universidade Federal do Pará, onde tenho aproximações. Muitos deles impulsionados pelos movimentos como o FEIPA. Todos os estudos são importantes tentativas de apresentar os saberes das crianças de nossa região. No entanto, não encontrei em minhas buscas por entre esses grupos de pesquisas e movimentos trabalhos abordando a defesa social e especificamente sobre as crianças e suas brincadeiras na comunidade de Santa Maria de Tracuateua/PA. As pesquisas mais próximas a esta problematização foram as de Aviz (2016) e Silva (2017), realizadas na região sede do município de Tracuateua/PA. Isso também faz desta pesquisa um bom portfólio de informações no trânsito do desvelamento da região geográfica e as mitologias a que pertence o território da Vila.

Para o quadro teórico que sustenta esta pesquisa, as opções epistemológicas têm a intencionalidade de rompimento com o pragmatismo de uma ciência de “verdade absoluta” que apregoa papéis como de neutralidade científica e formulação de teorias gerais.

Para tanto, uso referências de matrizes conceituais já citadas, que elucidam os fenômenos evidenciados nesta pesquisa: a cultura, a criança, a brincadeira e os saberes.

A construção deste texto vem do diálogo com os autores e na vivência da pesquisa, no relatar todo o movimento epistêmico realizado com a pesquisa. O texto está organizado de maneira a favorecer o entendimento de cada uma das etapas realizadas. Na primeira seção, com o título “Tudo começa com um... Bora brincar?”, está o capítulo introdutório que descreve as motivações para a pesquisa, o objeto e objetivo desta pesquisa, o levantamento de estudos já realizados e os autores que irão referendar a pesquisa.

Na segunda seção, “Trilha metodológica”, são apresentados os procedimentos metodológicos que foram utilizados, os intérpretes da pesquisa e o locus. A intenção aqui é situar sobre a metodologia de desenvolvimento da pesquisa, as técnicas utilizadas, e apresentar os intérpretes (crianças) da pesquisa além de descrever o espaço.

Na terceira seção, “O diálogo entre as brincadeiras e os saberes”, apresenta a brincadeira como foco de destaque no que se avalia de circunstâncias culturais que acontecem, estabelecendo seu diálogo com os saberes visualizados nesse encontro.

Na quarta seção, “O Brincar na Vila: saberes das vivências”, estão os resultados das análises, de todo brincar e os saberes pesquisado em Santa Maria. A esta seção, seguem as considerações finais e as referências utilizadas no estudo.

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.



SEÇÃO II – TRILHA METODOLÓGICA

2.1 A ESCOLHA DO CAMINHO

Minha viagem à vila de Santa Maria começou na BR 316. Estava de carro e um pouco apreensiva porque, apesar de já conhecer a Vila, não conhecia bem o caminho até lá, talvez porque há dez anos já não a visitava, ou porque nunca havia feito o percurso em condução própria e isso fez-me assumir com “meus próprios pés” o caminho até lá. Mas a estrada sinalizava bem e depois de três horas de viagem, estava na cidade de Capanema, e sabia que estava perto de meu destino. Quarenta minutos depois, com o coração mais aliviado, estava na cidade de Tracuateua. Parti para a Vila percorrendo, aproximadamente, mais 7 km de estrada de terra. A vegetação que acompanhava a estrada, o rio do Quaneruquara, as árvores mais antigas, uma atmosfera de “caminho de Santa Maria” acionaram lembranças mil.

Imagem 3 – Uma das estradas da Vila de Santa Maria



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018).

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

Na imagem 3, uma das estradas da Vila de Santa Maria com a vista dos campos naturais de Tracuateua em época de cheia.

Ao penetrar em suas estradas, lembrei tudo que já vivi naquele lugar, lembrei como era a Rua da Amizade, onde costumava ficar quando passava as férias na Vila. A rua sem luz elétrica, de poucas casas, a maioria confeccionada de barro, com seus terreiros enormes ao redor da casa. Lembrei-me da casa de tia Dada e tio Codó, onde me hospedava com meus pais e minhas irmãs. Uma das poucas casas de tijolos da rua. Na sala, em cima de uma velha estante ficava a TV que, naquele tempo, só era ligada à noite para assistir ao jornal e à novela das vinte horas, economizando o gerador de energia. Na mesma sala, costumava ver guardada as varas de tabaco que meu tio preparava para vender na obtenção de parte do sustento da família. Assim, como por diversas vezes, vi as amêndoas de andirobas cozidas escorrendo o óleo que seria engarrafado. Produtos que vinham da terra e do trabalho rotineiro de quem, por meio do trabalho, vive e existe na vila de Santa Maria.

O que vi lembrava o passado, mas tinha outra composição. Percebi mudanças no território, maior número de casas, uma igreja evangélica erguida e aparentemente abandonada no meio da construção, casas de financiamento do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA no lugar das casas de barro, luz elétrica nas casas e a circulação de motos, muitas motos.

Para a pesquisa, realizei esta trilha por oito vezes no período de um ano e meio, de 2017 a 2018. Interessante como todas as viagens me faziam ir ao passado e ao presente da Vila, o que, para mim, garantiu a sensibilidade necessária para entender o espaço.

A organização de minha hospedagem foi na casa de minha velha tia Dadá, 97 anos de vila de Santa Maria, sendo meu início de pesquisa com os adultos. Conversei com algumas pessoas mais velhas da comunidade, a fim de levantar informações sobre a vida na Vila e legitimar minhas ações junto às crianças na tentativa de romper um possível estranhamento de ir ter direto com elas.

Esta pesquisa se configura como pesquisa de abordagem qualitativa, que, segundo Antônio Joaquim Severino, “é modo de dizer que faz referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidade metodológica”

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

(SEVERINO, 2007, p. 119), portanto, por julgar adequado, pontuo alguns fundamentos do meu quadro epistemológico da pesquisa: a crença na existência humana pelas relações sociais; a certeza na intenção científica de desvelar conhecimentos; e a inviabilidade de neutralizar a construção humana e social que direcionam minhas ações em fazer a pesquisa.

Por isso, na escolha da pesquisa qualitativa, coloquei-me de acordo a interpretar as brincadeiras das crianças como atividades humanas no esforço de entendê-las na concretude de seus saberes. Para tanto, o paradigma metodológico a que submeti a pesquisa é a etnometodologia por entender que, em se tratando de um estudo em uma comunidade específica e em um grupo de sujeitos em singularidade, nosso parâmetro tinha que ser o modo de vida dessas pessoas, o que tornou a pesquisa um estudo do cotidiano. Para Lúcia Melo, a etnometodologia “procura pois, estudar os etnométodos, ou seja, as práticas culturais aplicadas pelas pessoas em seu cotidiano para construírem a própria vida social” (MELO, 2017, p.6).

O uso da etnometodologia auxiliou na aproximação *in loco* e orientou a busca para entender a lógica de vida das pessoas, o que contemplou nossa investigação de significados, explicitada nas descobertas que tivemos das capacidades de existências das crianças pesquisadas. E em se tratando de um território oprimido pelo silenciamento como a Amazônia, as lógicas de vida são sempre gritos de resistências.

Dentro desta perspectiva, o método beneficiou-se das estratégias do trabalho etnográfico para a observação do cotidiano e a descrição dessas observações, levantando as informações que as brincadeiras puderam fornecer por meio de suas dinâmicas e de suas sensibilidades.

Para isso, fiz uso da técnica da observação e da roda de conversa, sem perder de vista que, em se tratando de criança, há uma especificidade no observar e no escutar muito bem colocada por Eloisa Rocha (2008, p. 45):

Quando o outro é uma criança a linguagem oral não é central nem única, mas fortemente acompanhadas de outras expressões corporais, gestuais e faciais. Isto já indica alguns problemas metodológicos envolvidos na pesquisa com crianças: a atenção às diferentes linguagens e os limites no grau de compreensão que podemos alcançar.

Nesse processo, muitos metodólogos afirmam ser mais produtiva, em se tratando de pesquisa qualitativa, a participação efetiva do observador no lócus da pesquisa (pesquisa participante). Cecília Minayo (2012, p. 70) descreve que para isso

O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de coletar dados e compreender o contexto da pesquisa.

Dessa forma, a observação foi realizada no acontecer das brincadeiras das crianças. Foi utilizado também o diário de campo, no qual a memória dos acontecimentos foi escrita na intenção de descrever as diversas situações do brincar observadas. O registro fotográfico realizado no decorrer da pesquisa também auxiliou na leitura das situações.

A escola da Vila funcionou como um ponto de encontro e de partida para o trabalho. Construí a sistemática de, quando estava na Vila, sempre visitar a escola e a classe das crianças da pesquisa. Ter quase todas na mesma classe facilitou essa sistemática e tive a oportunidade de acompanhá-las em diversas atividades coletivas. Mas, foram as visitas às suas brincadeiras em casa e nos espaços de brincadeira da Vila que forneceram boa parte do *corpus* da pesquisa. Assim que recebia a autorização da família, ainda na escola para a participação da criança na pesquisa, agendava a visita às suas brincadeiras e o principal instrumento da pesquisa nas visitas foi a observação.

Imagem 4 – O brincar de casinha



Fonte: Acervo pessoal da autora (2017).

Na imagem 04, uma casinha montada em uma parede da casa derrubada. No canto, um fogão imaginário organizado com tampa de alumínio de um fogão de verdade; ao lado, um armário improvisado com madeiras e escorredor de prato, contendo potes diversos, embalagens vazias, um copo de liquidificador descartado do uso e algumas tampas de vasilhas plásticas. Na outra parede, compondo o cenário, uma mesa imaginária em pé, apoiada por dois tijolos, onde supostamente eram feitas as refeições. Do lado de fora da janela, o jirau feito de madeiras, escorado com tora de árvore.

As observações do brincar aconteceram na casa ou nas redondezas das casas (espaços como quintais, barracas nos quintais, árvores em frente ou atrás das casas, terreiros em frente às casas e na rua). Às vezes, a criança estava sozinha; por vezes acompanhada por outras crianças. O foco seguia em observar as crianças pesquisadas de maneira menos intrusa possível.

Segundo Vieira et al. (2012), no texto “Imaginação, emoção e brincar, buscando compreender essas relações”, a autora Anna Bondioli propõe como uma das estratégias de participação dos adultos nas brincadeiras de crianças com o objetivo de pesquisa, o eco ou espelho:

O adulto ecoa ou reflete, como um espelho a fala ou a ação da criança, funcionando como um parceiro centrado na atividade infantil, não intrusivo e

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

que, com o tom de sua fala, acentua a qualidade emocional do conteúdo expresso, participando da atividade seguindo a criança de forma empática (VIEIRA et al., 2012, p. 117-118).

Então, seguindo essa estratégia, algumas vezes participei das brincadeiras realizadas, como forma de interagir com as crianças, de forma a facilitar meu entendimento sobre os seus brincares. Na brincadeira de casinha, mexia as panelas, perguntava sobre um material e outro, pedia para provar a comida. Se a brincadeira era de bola, interceptava a bola, devolvia aos brincantes.

Durante a observação das brincadeiras, procurei seguir um roteiro previamente construído, que continha: nome do observado; data da observação; nome da brincadeira; descrição do ambiente; descrição da brincadeira; observações da relação do observado com a brincadeira.

As rodas de conversa, por outro lado, também se constituíram parte importante desse processo. Para realizá-las, busquei respaldo na técnica da conversa dialógica. E com crianças isso significou considerar todos os pontos de vista (por mais estranheza que estes causassem), perceber individualmente se cada criança estava confortável para a ação, garantir no diálogo que todos falassem e suspender a ação quando não mais demonstraram interesse em participar.

Imagem 5 – Primeira roda de conversa da pesquisa



Fonte: Registro de Sabrina Carvalho (2018).

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

Na imagem 05, a primeira roda de conversa, momento em que me encontrei com seis crianças intérpretes da pesquisa para diálogo com o tema “brincadeiras”. Aqui produzimos vinte minutos de gravação e vários desenhos que ilustraram as temáticas de que mais gostavam.

Os desenhos não entraram no *corpus* de análise da pesquisa, pois tiveram somente o propósito de facilitar minha aproximação com as crianças, bem como deixá-las mais à vontade com a temática da conversa, no entanto, o resultado com os desenhos veio de maneira substancial apresentar as crianças para mim. Em cada desenho constatei vivências, a rotina da Vila e sonhos como o de Carlos (8 anos) que me confessou depois em outra conversa que pensa em ser caminhoneiro.

Imagem 6 – Desenhos da 1ª roda de conversa



Fonte: Produção das crianças (2018).

As rodas de conversas oportunizaram ouvir as crianças. Foram momentos ímpares de demonstração das inteligências infantis. A segunda roda foi realizada na escola, e treze crianças participaram, obtendo 30 minutos de conversa com o tema “brincadeiras na vila de Santa Maria”; desta vez, sem o recurso do desenho de maneira a enfatizar o diálogo propriamente dito.

Consciente dos limites desta pesquisa no aprofundamento das riquezas que os enunciados infantis trazem e, ainda, que o tempo disponível à aproximação e à constituição dos laços afetivos interfere no que vem a ser uma conversa com crianças, a intenção das rodas de conversas estava em completar as observações das brincadeiras e assim montar o *corpus* da pesquisa.

Para as análises dos dados, sendo coerente às orientações metodológicas que embasaram esta pesquisa, eu me propus a construir relatos das brincadeiras dos intérpretes, no âmbito de uma perspectiva de análise que aproveitou o que se evidenciou nas brincadeiras, identificando os saberes ali constituídos. Para isso, optei pela estratégia da análise de conteúdo teorizada por Laurence Bardin (1979), principalmente no que concerne a categorização nas análises, não ficando de fora o campo sensível que essas análises levantavam, o que muito ajudou no cumprimento dos objetivos da pesquisa.

2.2 OS INTÉRPRETES DA PESQUISA: AS CRIANÇAS DA VILA DE SANTA MARIA

As crianças são os intérpretes da pesquisa e estão na faixa etária de 7 a 9 anos de idade, tendo somente uma irmã e duas primas fora desta faixa etária, mas aceitas na pesquisa pela presença constante nos momentos de coletas de dados. Todos residem na vila de Santa Maria. São eles em número de 13 e a maioria estuda em uma classe multisseriada (1º, 2º e 3º ano do fundamental) da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Francisco Nascimento. É importante lembrar que a escola não foi alvo de ação da pesquisa, servindo como importante área de concentração, apoio e comunicação com as famílias. Sendo o principal alvo da pesquisa os territórios de brincadeiras fora da escola.

Também é importante apontar que os intérpretes têm em comum a escola onde estudam, mas seus círculos de brincadeiras se apresentam diferenciados pelos espaços que compõem a Vila. Com isso, essas crianças brincam com outras crianças de sua vizinhança e família. A maioria tem irmãos mais velhos, que lhes influenciam na dinâmica do brincar por estarem sempre juntos.

Das 13 crianças, oito são meninas e cinco são meninos. De vida simples, sem muito material eletrônico em volta, as crianças têm alguns brinquedos industrializados à disposição (carros, bonecas e bichos de pelúcia), mas nada muito abundante ou sofisticado.

Percebe-se que existem na Vila, perto das residências, lugares organizados pelas crianças, destinados ao brincar: são campos, casinhas (erguidas por momentos de quatro a dez dias aproximadamente) ou simplesmente bancos organizados embaixo de árvores.

As crianças desta pesquisa foram reunidas pelo critério da idade e por serem moradoras de Santa Maria. Em suas composições familiares, há uma pluralidade de arranjo parental (mãe, padrasto e filhas, pai, avó e filhos, avós e netos, avó, bisavós e neto, entre outros); igualmente plurais são as relações que essas famílias têm com o sistema produtivo da Vila. Alguns mais envolvidos com o cultivo de roça, outras mais na lida com os cavalos e bois, outras mais ligadas aos serviços públicos da Vila e outras envolvidas em comércio ou empresa produtiva da região (fazenda, curtume). O que significa dizer que apesar da delimitação do espaço, do tempo, as crianças que foram reunidas para a pesquisa são únicas em sua maneira de ver o mundo, pelas vivências diferentes de uma para outra.

Para resguardá-las, acordei com as crianças que cada uma escolheria um nome diferente do seu para constar na pesquisa, o que foi aceito para assim cumprir-se o compromisso do anonimato, citado pelo Termo de Consentimento Livre Esclarecimento – TCLE (apêndice B), assinado pelas famílias e as crianças intérpretes desta pesquisa, que apresento aqui:

Mariana (8 anos) foi nossa primeira intérprete. Está identificada assim porque foi a primeira criança da qual obtivemos a autorização para o estudo, mas (como o tempo da pesquisa acontece no processo da ação) Mariana demorou um pouco a se sentir à vontade conosco. Seu engajamento fez-se aos poucos e acredito que nossa convivência deu-se mais na forma da amizade de “tia” do que do trabalho de pesquisadora. Tive a sensação da real permissão para adentrar em seu mundo quando, na terceira visita à Vila, obtive seu convite de irmos para as mangueiras. O espaço fica no terreiro do quintal de sua casa. Lá é onde Mariana arruma sua casinha, mostrando uma predileção para a cozinha. Seus pratos de lama, panquecas de papelão molhado são imaginalmente deliciosos. É aluna do 3º ano da Escola Municipal Francisco Nascimento, frequentando a classe multisseriada. Sua família atual nasceu da união de sua mãe com um segundo companheiro. Na Rua da Amizade da vila de Santa Maria mora com a mãe, o pai (seu padrasto) e a irmã de 12 anos. Ela e sua irmã ajudam a tomar conta da avó idosa (mãe de seu padrasto) que mora sozinha numa casa ao lado da sua. O pai-padrasto é lavrador, mas executa trabalhos de domas de animais (cavalos e bois) para outros lavradores e até para as fazendas próximas. A mãe também é lavradora, mas já trabalhou

como doméstica e agente de saúde. Hoje se divide na ajuda à lida do marido e na assistência aos pais já idosos, moradores de Tracuateua.

Mariana mora na Vila de Santa Maria, mas tem grande convívio com os avós em Tracuateua, onde tem uma vivência mais urbana. Diz ser sua brincadeira predileta a casinha, mas gosta também das roupas de bonecas. É tímida e fala pouco. Aproxima-se devagar, à medida que vai ganhando confiança. Seu mundo é brincar e acompanhar a mãe, a irmã, o pai e a avó nas tarefas.

Neimar (9 anos) entrou na pesquisa somente a partir da nossa sexta visita à Vila. Já havíamos feito a tentativa de autorização de sua participação no estudo, mas acredito que o pai precisou ter segurança no que estava sendo realizado para permitir a participação do filho. Já havíamos desistido da participação dele, quando procurou-me dizendo estar indo passar uns dias na casa da avó, perto da casa onde eu estava hospedada, e, assim, ficava mais fácil o trabalho com ele. Aquele gesto, sem dúvida, foi de uma enorme generosidade de seu pai, e, de certo modo, foi o reconhecimento de que a Vila acolhera o que eu estava fazendo. É aluno do 3º ano da Escola Municipal Francisco Nascimento, frequentando a classe multisseriada. De família pequena, Neimar mora na Vila com o pai. Sua mãe mudou-se para Belo Horizonte/MG após o rompimento do casamento com seu pai, e Neimar já foi visitá-la nesta cidade. Demonstra um amadurecimento espantoso para sua idade. Suas brincadeiras são com os adolescentes da Vila, brincando de bola, queimado, pira.

Daniele (9 anos) entrou na pesquisa a partir do contato com o seu pai na segunda visita à Vila, mas, desde o início, deu a impressão que sabia do que se tratava. Quando marquei uma visita às suas brincadeiras, se preparou para ser entrevistada e deu a impressão que pensou previamente no que ia mostrar e falar. Conheci sua casinha dentro de uma geladeira abandonada no quintal da avó, as árvores onde treinava seus saltos e as paredes da casa onde gostava de escalar. Ao que parece, Daniele tem uma atividade do brincar bem intensa, difícil de ser acompanhada até pelas outras crianças que se relaciona. Seu primo, por exemplo, só faz rir de todas as brincadeiras que ela inventa. Daniele se mostrou muitas vezes aborrecida, principalmente na escola. Seu jeito me faz entender um pouco a teoria da educação pela percepção de Ingold (2015), que explica a mente como um tecido fluido. Era como se os pensamentos de Daniele não coubessem em caixinhas

mentais e transbordassem pelo corpo todo, fazendo-a correr, saltar, escalar, falar, agir. Ações não permitida em lugares como a escola. Daniele é aluna do 2º ano da Escola Municipal Francisco Nascimento, também frequentando a classe multisseriada. Filha única de casal de lavradores. A menina mora com a família na Vila, na região conhecida como Quanneruquara, onde há um igarapé de mesmo nome. Segundo seus pais, costuma brincar melhor quando vai para casa da avó, e une-se aos primos. No Quanneruquara é a única criança e não tem vizinhos por perto. Nasceu em Bragança e veio com a família para a Vila há pouco mais de um ano. Suas brincadeiras favoritas são casinha, faz-de-conta e saltos.

Bonequinha (7 anos) foi observada em três momentos de brincadeira, o que me alertou que os momentos de brincadeiras junto às famílias e sem as famílias são diferentes. Junto à avó mostrava-se retraída, recusando todos os apelos para que falasse; enquanto nos momentos sozinha ou com companheiros de brincadeiras, liberava a fala, tomava iniciativa, emitia opinião. Assumia um estatuto político que Sarmiento (2005) reflete, na sociologia da infância, ser próprio de toda criança, que os adultos, por proteção, negação ou desconhecimento não costumam respeitar. Bonequinha é aluna do 1º ano da Escola Municipal Francisco Nascimento, frequentando a classe multisseriada. Filha única de casal de lavradores, a mãe atualmente trabalha à tarde em loja de roupa em Tracuateua. Moram ao lado da casa da avó que ajuda na criação da menina quando a mãe está trabalhando. Gosta de brincar de faz-de-conta com as profissões (ora é professora, ora é babá, ora é médica, ora é comerciante etc.). Em casa, brinca sozinha; na casa da bisavó, reúne-se com crianças da família que moram na vizinhança.

Gustavo (7 anos) tem um problema na fala, talvez por isso fale pouco, mas se comunica perfeitamente. Apresentou uma curiosidade para a pesquisa: a presença do tema cavalos em suas brincadeiras. Até a brincadeira de pira que fazia com a prima no momento de visita às suas brincadeiras em sua casa tinha o relinchar e o galopar do cavalo (Trataremos melhor esse dado na seção IV deste texto). Gustavo tem nos cavalos sua inspiração, sem se dar conta que ele próprio é inspiração e exemplo para um mundo que há tempos vem rompendo o pacto de vida com a natureza. É aluno do 1º ano da Escola Municipal Francisco Nascimento, também frequentando a classe multisseriada. Mora na Rua dos Navegantes com

sua mãe, numa casa ao lado da casa de seus avós. A mãe é lavradora e o pai é motorista de carro de passeio na cidade de Mirasselve. Gustavo tem uma irmã de 17 anos que mora com parentes no município de Augusto Correa. Tem no quintal um cavalo que é do tio, mas já teve seu próprio cavalo que em determinada ocasião foi vendido; ele ainda alimenta a expectativa de ter outro. Quando o pai está em casa, adora andar com ele lado a lado de cavalo pela Vila. Gosta de correr, brincar de pira e carro.

Carlos (8 anos), desde o início da pesquisa, mostrou-se muito inteligente. Suas respostas às minhas perguntas provocaram boas reflexões à pesquisa, no propósito de pensar a criança e também pensar a vila de Santa Maria. Tem os caminhões como tema preferido das brincadeiras, e ao localizar sua casa no mapa da Vila, é rota dos caminhões que passam de uma das pedreiras existentes no local. A extração de brita (uma espécie de pedra parecida com o granito) movimentam caminhões em algumas das ruas da Vila. É curioso porque pouquíssimos moradores da Vila estão nesse trabalho das pedreiras, mas alguma coisa nos caminhões chamou atenção do menino. Em seu pequeno mundo vigiado pelos avós, seus sonhos pegam a estrada com os caminhões que adora. Aluno do 2º ano da Escola Municipal Francisco Nascimento, frequenta a classe multisseriada. Mora na Rua da Amizade. Filho único de pais lavradores, mora em casa ao lado dos avós. É a única criança da casa. Um pouco tímido, gosta de brincar sozinho. Segundo o avô, fica horas colocando areia nos caminhõezinhos e fazendo as estradas por onde ele irá passar. Quando os pais estão trabalhando, os avós é que tomam conta de Carlos.

Cláudia (9 anos) teve uma presença enriquecedora na pesquisa. Uma menina de vida simples, regada ao trabalho, brincadeiras, escola e igreja. De uma forma quase natural, a vida na vila de Santa Maria estava materializada em Cláudia. Nos momentos de repouso da lida, o isolamento no quarto da casinha inventada no quintal lhe permitia alimentar-se do ócio permeado pela ludicidade. Confessou que até dorme em meio aos brinquedos naquele espaço. Mais do que uma casinha, um refúgio, um retiro, um recolhimento necessário para o processamento de informações que coleta da Vila. Apanhando lenha, juntando coco babaçu, acompanhando a mãe na casa dos irmãos da igreja, Cláudia caminha pelos lugares mais longínquos da Vila, e, ao que parece, a cada caminhada, a pé ou de bicicleta, a

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

Vila preenche o seu ser. É aluna do 3º ano da Escola Municipal Francisco Nascimento, também frequentando a classe multisseriada. Cláudia é a mais nova das filhas de casal de lavradores, residente na Rua dos Pintos da Vila. Segundo sua mãe, é sua companheira em todos os seus afazeres na Vila.

João (7 anos) tem a Vila de Santa Maria na ponta da língua (e a expressão poderia ser substituída por “na ponta da cabeça”, “do coração”, “das mãos”, “dos pés”). Sabia de tudo que lhe perguntava da Vila. A visita a suas brincadeiras foi difícil de ser realizada porque, por diversas vezes, não estava em casa. O seu brincar é por toda a vila de Santa Maria com sua inseparável bicicleta, só abandonada quando algo em alguma casa ou quintal lhe chamava atenção (uma árvore carregada de fruta, uma casa de farinha em funcionamento bem na hora do avoado de um pirão sete⁴, a ferra de um boi etc.). Se é certa a existência de um espírito aventureiro, João é exemplo de um. Sabia dizer-me como faz farinha, como “pesca” marreco, como apanha lenha. Criança de muitos saberes. É aluno da mesma escola do grupo da pesquisa. Vive com a mãe, o irmão mais velho, a irmã mais nova e o padrasto em casa na Rua dos Pintos.

Luan (8 anos) é morador da Rua da Amizade, criança tranquila e serena, sua família não só permitiu participar da pesquisa, como contribuiu cedendo o espaço para roda de conversa organizada no terreiro na frente da casa. Este espaço é o território principal das brincadeiras de Luan, um terreiro arborizado, espaço de convivência e lazer da família e visitantes, onde o menino, solta a imaginação em meio a seus carrinhos, dinossauros e bois em miniatura. Também diz gostar de jogar bola, mas só realiza essa brincadeira quando tem a companhia de algum primo visitando a casa da avó; na maioria das vezes, brinca sozinho. É aluno do 2º ano da Escola Municipal Francisco Nascimento, frequentando a classe multisseriada, mora com a avó e o avô, e tem o pai e a mãe também moradores da Vila, residindo em outra casa, a família está sempre junta, segundo a avó.

Rapunzel (5 anos) é prima da intérprete Mariana, sua presença frequente nas brincadeiras da prima justifica sua participação na pesquisa. Forneceu um bom material para se pensar nas conclusões desta pesquisa com uma idade menor que a

⁴ Pirão sete é uma comida, no estilo lanche, realizada na casa de farinha com a farinha pré-cozida (o que os moradores chamam de farinha escaldada), água e pimenta, acrescido ou não de sardinha em lata.

faixa etária pesquisada. Nos episódios da brincadeira de casinha e em farinhada na casa de farinha, demonstrou saberes diversos que compartilhava com crianças e adultos de seu convívio. Morava com a mãe, o pai, o avô, a avó e a irmã em uma casa na Rua da Amizade, quase ao final da pesquisa, mas mudou-se para Belo Horizonte/MG, onde a mãe e o pai foram tentar se estabelecer em empregos. Também estudava na Escola Municipal Francisco Nascimento, mas em turma de educação infantil.

Maria (7 anos) só veio participar da pesquisa quando tive a permissão assinada da família, o que não foi fácil conseguir, haja vista que seu representante legal não foi encontrado em nossas primeiras visitas à Vila. As observações de suas brincadeiras aconteceram em sua casa, onde mora com o pai e a madrasta e usa para suas brincadeiras o espaço da sala, pois tem à sua disposição sofá, televisão e muitos cadernos e lápis. Em um dos momentos da pesquisa, mostrou-me um caderno com as folhas tomadas por desenhos, o que indicou que a brincadeira de desenhar era acionada muitas vezes pela menina. Nas temáticas dos desenhos, muitas flores, casas, corações, árvores e sua família. Mas, apesar de não ter sido captado pela pesquisa, tem na casa da avó (que se localiza ao lado de sua casa), quintal e árvores onde brinca de outras coisas. Maria também estuda na turma multisseriada da Escola Municipal Francisco Nascimento.

Maria Clara (11 anos) é irmã de outra criança da pesquisa e por estar presente em quase todos os momentos de observação, passou a ser também criança pesquisada. Tem predileção pelas brincadeiras com bonecas do estilo “Barbie” para quem faz roupas com retalhos de tecidos. É a principal cúmplice das brincadeiras da irmã menor com quem brinca incentivando a imaginação dela. Estuda na mesma escola das outras crianças, mas em turma mais adiantada.

Renata (11 anos) é prima de outras quatro crianças da pesquisa e em diversos momentos estava junto a ela construindo brincadeiras. Exerce certa liderança, pois é comum vê-la comandando as outras. Criança de grande inteligência, foi responsável por reflexões importantes ao longo das observações da pesquisa. Estuda na mesma escola das outras crianças, sendo em turma que atende crianças de sua faixa etária.

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

A seguir, um quadro para visualização desse grupo de crianças da pesquisa com algumas informações complementares:

Quadro 1 – Crianças pesquisadas com nome, idade e composição familiar

Nome que escolheu para ser citada na pesquisa	Idade	Composição familiar
Mariana	8	Mãe/padrasto/irmã
Carlos	8	Mãe/pai/avô/avó/prima
Gustavo	7	Mãe/pai
Bonequinha	7	Mãe/pai/avô/avó
Daniele	9	Mãe/pai
João	7	Mãe/padrasto/irmão/irmã
Cláudia	9	Mãe/pai/irmã
Luan	8	Mãe/pai/avó
Maria Clara	11	Mãe/padrasto/irmã
Neimar	9	Pai/avô/avó
Renata	11	Avô/avó
Maria	7	Pai/madrasta
Rapunzel	5	Mãe/pai/avô/avó/irmã

Fonte: Informações coletadas pela autora com as famílias (2018).

Para todas as crianças, os cuidados foram tomados no que diz respeito a sua condição de criança e principalmente a sua condição humana. Nesse caminho do cuidado com a pesquisa com crianças, é pertinente o que nos alerta Sousa e Castro (2008, p. 53):

Na medida em que a criança não é vista apenas como um objeto a ser conhecido, mas como sujeito com um saber que deve ser reconhecido e legitimado, a relação que se estabelece com ela no contexto da pesquisa começa a ser orientada e organizada a partir dessa visão. Nesta perspectiva em vez de pesquisar a criança, com o objetivo de melhor conhecê-la, o objetivo passa a ser pesquisar com a criança as experiências sociais e culturais que ela compartilha com as outras pessoas de seus ambientes [...].

A pesquisa com crianças tem recebido grande atenção no que diz respeito à sua metodologia de trabalho e a seus cuidados éticos no não constrangimento e

devidas autorizações para utilização de imagens, falas e produções escritas unicamente para a pesquisa. Esta pesquisa está devidamente apresentada à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP/CNS/MS (apêndice E), órgão que rege as pesquisas envolvendo seres humanos em nosso país, e, seguindo suas exigências, coletou junto às famílias das crianças o já citado TCLE e o Termo de Autorização de Imagens, bem como de suas produções escritas e voz (apêndice C).

As crianças com as quais esta pesquisa se propôs caminhar moram, estudam e brincam na vila de Santa Maria, e assim se constituem. O que significa dizer que, apesar da delimitação do espaço, do tempo, as crianças, que aqui instituem-se como intérpretes, são únicas em sua maneira de ver o mundo, pelas vivências diferentes de uma para outra. A palavra *intérpretes* vem assegurar que as crianças têm o que dizer de seus mundos, dentro da singularidade que lhe estabelece a infância. As brincadeiras foram as principais vozes dessas crianças.

2.3 LÓCUS DA PESQUISA

O lócus desta pesquisa vem ao encontro da intenção de desvelar saberes ocultos numa Amazônia silenciada por uma epistemologia da lógica da razão de única via, enquanto também abraça a memória afetiva que cultivo de um espaço onde brinquei me entregando à mais material sensação de liberdade que tive contato durante toda a minha vida: a Vila de Santa Maria, no município de Tracuateua/PA.

A Vila de Santa Maria fica no município de Tracuateua, a aproximadamente 7 km da sede do município. De economia e cultura rural-ribeirinha, vive 6 meses do ano o período de campos cheios e 6 meses de campos secos, o que compõe a dinâmica da Vila que se constitui, entre outras coisas, de casas de farinha (ou casa de forno, como chamam alguns moradores), campos, pesca, caranguejo, cavalos, bois, mães d'águas, igarapés, cavalhadas, Círio, tanque da pedreira, pessoas adultas e pessoas crianças.

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

Imagem 7 – Cavaleiros na Rua da Amizade na vila de Santa Maria



Fonte: Acervo pessoal da autora (2017).

Na imagem 07, o amanhecer que presenciei na Vila, a rotina do trânsito de cavalos nas ruas e o fundo uma casa típica da região

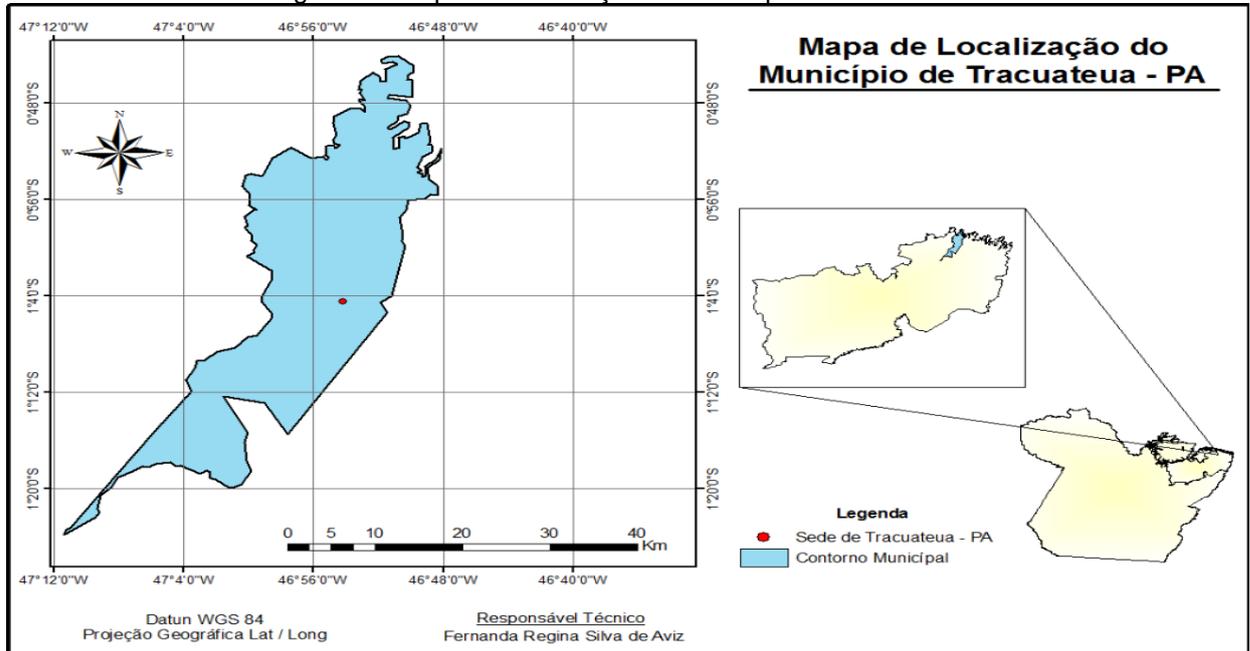
Pelos relatos locais, ainda se configura como um problema o chegar e o sair da Vila, pois a certeza de chegar a ela, sem estar de carro, fica por conta dos moto-taxistas ou de carona nos horários do ônibus escolar. Quem se encontra em municípios vizinhos, tem a opção do rio.

Um cotidiano de trânsito à sede do município é constante na Vila. É provável que este seja o motivo da grande relação ainda de dependência da Vila com a sede, apesar de que, num passado não muito distante (anterior aos moto-táxis), a questão do chegar ou deixar a Vila era bem pior, como evidenciado na fala de uma moradora local, explicando que antes era muito mais difícil ir da Vila à Tracuateua, porque tinham que andar a pé, saindo de manhã e chegando de volta só à noite. Hoje tem a facilidade da moto e do carro e a viagem ficou mais rápida, segundo tia Rosa.

Na imagem abaixo, o mapa com a localização do município em relação à mesorregião paraense e ao Estado do Pará como um todo.

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

Imagem 8 – Mapa de localização do município de Tracuateua



Fonte: Aviz (2016).

O município de Tracuateua fica no nordeste paraense e seu limite ao norte é com o Oceano Atlântico.

A Vila está incluída na Reserva Extrativista Marinha de Tracuateua – RESEXM Tracuateua⁵ e é considerada zona de amortecimento⁶ da reserva. A RESEXM (por esta sigla é chamada a reserva pelos moradores da Vila) tem o objetivo ambiental de proteção dos manguezais e redução do uso predatório dos recursos pesqueiros na área do litoral brasileiro, localizado na costa paraense de Tracuateua. E a Vila foi incluída nesse movimento de demarcação dos territórios de amortecimentos.

Na prática, a regulamentação como área de reserva não mexeu com a vida dos moradores, a não ser pelo fato de obterem facilidades junto ao INCRA para a construção de casas e inscrições em benefícios, como o crédito financeiro para compra de eletrodoméstico e equipamentos de trabalho. Além do Bolsa-verde, programa de inclusão social do Ministério de Desenvolvimento Social, que repassa,

⁵ Segundo Costa (2014), nove reservas extrativistas foram criadas ao mesmo tempo para proteção do litoral brasileiro, três em costas paraenses. A criação da RESEXM-Tracuateua data de 20 de maio de 2005, após quatro anos de mobilização iniciada em Bragança.

⁶ Segundo a lei que regulamenta as Unidades de Conservação, a zona de amortecimento é o entorno de uma Unidade de Conservação, onde as atividades humanas estão sujeitas a normas e restrições específicas, com o propósito de minimizar os impactos negativos sobre a Unidade.

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

dentro dos critérios de baixa renda, a algumas famílias inscritas R\$ 300,00 reais a cada três meses.

A inclusão do território como área de reserva extrativista se dá pela posição geográfica junto ao Oceano Atlântico e pela tradição do trabalho nos rios e nos manguezais que move a vida na Vila e que lhes sustenta desde sua formação, apesar de a modernidade ter agregado algumas atividades que hoje assumem os mais jovens do lugar (trabalho na pedreira, de moto-taxista etc.).

De acordo com a pesquisa de Maria do Livramento Aviz, a Vila de Santa Maria nasceu do processo de ocupação da região bragantina:

Na época, foi construída uma capela, coberta de palha (inaugurada em 08 de dezembro de 1930) onde os moradores ainda hoje se reúnem para homenagear a Santa padroeira do lugar – Nossa senhora da Conceição [...] (AVIZ, 2013, p. 04).

A capela ainda existe, e em seu entorno cresceu a Vila, que hoje se encontra com aproximadamente 40 famílias, segundo dados do Instituto Chico Mendes – ICM, por intermédio do programa de monitoramento da RESEXM; dados contestados por alguns moradores da área que contabilizam, no mínimo, 200 famílias residentes.

Imagem 09 – Vista panorâmica do centro comercial da vila de Santa Maria



Fonte: Registro de Sabrina Carvalho (2018).

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

Na imagem 09, uma panorâmica do que podemos chamar de centro comercial da Vila, com a igreja e o campo de futebol, onde acontecem as partidas de futebol, o Círio e outras manifestações culturais do lugar.

Nesse espaço, encontra-se a única escola da Vila. Esta escola atende do pré-escolar ao 9º ano. No atendimento aos outros níveis de ensino, e nos tratamentos de saúde mais específicos, ou mesmo emergências médicas, o atendimento só é possível deslocando-se da Vila à sede do município (nos seus 7 Km de estrada, o equivalente a 30 min de moto ou carro) ou a municípios vizinhos (Bragança a 12 Km, ou Capanema a 54 Km), considerando que a Vila possui apenas um posto de saúde com a visita do médico uma vez por semana.

O mesmo fato ocorre em relação às transações comerciais: qualquer compra ou venda maior a ser realizada tem que ser feita em Tracuateua, Bragança ou Capanema, o que coloca a Vila à mercê da ocorrência do fenômeno da marretagem⁷, o que contribui para o encarecimento das compras e de muitos artigos e gêneros utilizados na Vila (eletrodomésticos, material de construção, artigos de vestuário, utensílios de casa, entre outros).

Os três produtos de maior produção na Vila são a farinha, o peixe e o caranguejo, além da circulação esporádica de produtos advindos de outras atividades que não da roça, nem da pesca, nem do mangue, como é o caso do extrativismo de frutas nativas (manga, caju, jambo, cupuaçu, no período de colheita), a comercialização de equinos e bovinos das famílias que possuem gado e a venda de porco, galinha e pato advindos da criação de quintal.

No que concerne a produção de farinha, é peculiar a maneira como esta atividade se organiza na Vila. De maneira totalmente artesanal, numa lógica solidária familiar, todo chefe mais velho da família tem sua casa de farinha. Esta é uma espécie de oficina localizada no quintal da casa, uma construção na estrutura de uma barraca, erguida de troncos finos de árvores com uma cobertura bem preparada de palha, chão de terra batida, ao centro um forno de alvenaria na altura da cintura, com abertura para entrada das toras de madeira que alimentarão a combustão. Na cobertura do forno, uma chapa de bronze e para completar a

⁷ Este fenômeno, denunciado em trabalhos como de Côrrea (2008), consiste em atividades de atravessadores de mercadorias que, numa constante, visitam os locais de produção e habitação da comunidade para negociar seus produtos.

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

instrumentalização da casa, duas mesas amassadeiras (chamadas de canoas) feitas de tronco de árvore cortada na medida do comprimento, numa posição estratégica para a massa da mandioca receber os trabalhos das mãos. No canto, um terceiro instrumento numa armação de madeira bruta, na altura de aproximadamente dois metros, onde o tipiti⁸ é puxado pelas extremidades numa ação de esticá-lo ao máximo e assim extrair todo líquido acumulado na massa da mandioca. Compõe ainda a casa um forro feito de madeiras emparelhadas que, ao mesmo, tempo serve de espaço para guarda dos instrumentos usados na farinhada (peneiras, rodos, tipitis e cuias) e de aparador dos resíduos, que com o tempo, soltam da palha.

Imagem 10 – Casa de farinha da Vila



Fonte: Acervo pessoal da autora (2017).

Na imagem 10, o trabalho da farinhada⁹ em uma das casas de farinha da Vila, no detalhe o tipiti sobre a canoa cheia de massa de mandioca. O trabalho de oito horas desse dia rendeu para a família que trabalhou nessa farinhada três sacas de farinha estimadas, no valor de R\$ 150,00 reais cada.

A maioria dos núcleos familiares mais antigos da Rua da Amizade da Vila tem roças (uma de plantação de maniva, de onde se extrai a mandioca, e outra(s) de espécie vegetal diferente) e a casa de farinha é partilhada por todos os núcleos da

⁸ Instrumento tecido de palha no formato de uma bolsa comprida, onde a massa de mandioca ainda molhada é colocada dentro para ser espremida.

⁹ Trabalho de fazer farinha.

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

família; numa espécie de combinado informal, todos sabem o dia que será utilizada e por quem. A atividade da farinha inicia com o preparo para o plantio da mandioca obedecendo algumas etapas, explicadas a seguir.

Caso a terra seja de mata virgem, faz-se o roçar do mato com o terçado demarcando a área da roça, em seguida faz-se a derrubada das árvores mais grossas com o machado para depois se dar a capinação com o uso da enxada. Se a terra já for roça, faz-se a limpeza e a virada da terra com a enxada e só depois de algumas viradas de terra o solo está pronto para o plantio.

Depois de plantar, de seis em seis meses, capina-se a roça para tirar todo mato que cresceu junto com a maniva e, somente depois de um ano, faz-se a extração ou saque da mandioca.

No que diz respeito à pesca, acontece mais no período dos campos cheios. O tipo de pesca mais comum pelos moradores da Vila é a pesca com tarrafa.

Também na Vila, apanhar caranguejo é uma importante atividade econômica que não para nem mesmo no período da andada do caranguejo, quando o artrópode está em reprodução. O benefício do seguro-defeso¹⁰ não contempla os moradores da Vila e, dessa forma, a rotina do caranguejo segue sem interrupção.

Alguns moradores praticam ainda a “pesca das marrecas”¹¹, que é proibida, segundo Costa (2014), pelo plano de utilização das unidades de conservação, por ocasionarem o aligeiramento da extinção da espécie e o consequente desequilíbrio do ecossistema local, considerando que as marrecas agem no controle de insetos nos manguezais e litoral. A “pesca” é praticada tradicionalmente nos campos naturais da Vila por alguns moradores, principalmente pelo apelo comercial das aves.

Atividades como as queimadas e a pesca de marrecas são temas de inúmeros estudos ambientais, que têm desvelado seus impactos desastrosos aos biomas locais, o que se agrava quando a tradição se rende ao apelo do capital e a situação transforma-se em problema.

¹⁰ O seguro-defeso é conhecido como o seguro-desemprego do pescador; é concedido em períodos em que ele é proibido de pescar, para preservar o período de reprodução dos peixes, sendo assim, os profissionais acabam ficando sem meios de sustento.

¹¹ Ave semelhante aos patos, de plumagem colorida, que tem vida nômade de organização em bando, com revoadas e pousos programados em tempo de reprodução.

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

Para Corrêa (2008, p. 59), problemas como estes dentro das comunidades rurais-ribeirinhas precisam de discussão agregadas a outros campos de saber, posto que “o saber prático por si só não é suficiente para superá-lo”.

Ainda sobre a Vila, a pesquisadora Aviz (2013, p. 06) afirmou que

os moradores da comunidade resistem cultivando suas tradições inerentes à pesca e a produção da farinha da mandioca, raízes que se funde nas teias de conhecimentos socioculturais de seus ancestrais apesar das contradições existentes.

Isso não anula problemas e dificuldades que lá existem, mas quem resolveu não deixar a Vila afirma que sua roça, seus cavalos e sua pesca lhe preenchem nas necessidades que têm com a família. E dentre eles, observamos alguns mais atentos, cuidando, forçando e intervindo social e politicamente para que a vida melhore. A organização de uma candidatura à vereador já ecoa na Vila.

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.



SESSÃO III – O DIÁLOGO ENTRE AS BRINCADEIRAS E OS SABERES

A intenção nesta sessão é apresentar alguns pontos de diálogo entre as brincadeiras e os saberes que irão subsidiar minhas posteriores análises do *corpus* da pesquisa, atentando para cultura que é própria da comunidade da vila de Santa Maria.

Imagem 11 – O brincar de andar de bicicleta



Fonte: Registro de Sabrina Carvalho (2018).

Na imagem 11, a demonstração de um momento de brincadeira em uma das ruas da vila de Santa Maria, onde é percebido a materialização de uma ludicidade embalada pelas condições que o espaço lhe proporciona e ao que parece pelas expressões do corpo, enfatizado pelo prazer.

A brincadeira infantil como movimento de estudo está atravessada por áreas epistêmicas que compõem o próprio campo dos estudos da criança, o que tem

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

avançado na reflexão da sociologia da infância, segundo a perspectiva de Sarmiento (2005) da criança como “sujeito pleno e denso”, “sujeito de conhecimento”, possuidor de um “estatuto político”.

No acúmulo de conhecimento sobre as singularidades de ser criança está a afirmação da brincadeira como atividade principal de existência, sendo pauta indispensável para o entendimento do sujeito criança a nível de interação, desenvolvimento e conhecimento. Por isso, estudar as brincadeiras das crianças está para estudar o trabalho para os adultos. Com a diferença de que estudar o movimento das brincadeiras infantis está no campo da ludicidade e isto necessariamente movimenta esta pesquisa, além da discussão de uma atividade de criança, para o caminho da discussão sobre os sentimentos que envolvem as atividades humanas e a relação disso com o mundo. Talvez dessa forma começamos a nos aproximar do que se precisa para assegurar o prazer em viver, como demonstrado pela criança da imagem 11.

O trânsito que me propus a fazer pelo caminho da ludicidade encontra-se com minha formação em educação e posiciona esta pesquisa na linha de estudos dos saberes culturais. Esse campo de pesquisa nos envolve em uma história que se apresenta determinante para o entendimento do homem no qual nos transformamos. É a história de nossa construção como homem que produz.

Gilles Brougère, em seus estudos sobre a ludicidade, nos apresenta que historicamente e epistemologicamente o olhar sobre a brincadeira sofreu modificações. Na abordagem romântica da ludicidade, o brincar é “o espaço da criação cultural por excelência” (BROUGÉRE, 1998, p. 1), implicando dizer que nesta abordagem, o brincar está a serviço da cultura, que é mantida e perpetuada quase que de forma inquestionável. Seguindo os estudos do autor, compreendi que em determinado momento de nossa constituição do *homo faber*, a brincadeira foi descartada, o brincar se opôs ao trabalho. E esta compreensão foi determinante para me auxiliar na reflexão do papel da atividade lúdica que esta pesquisa se apropriou para responder aos seus objetivos.

Joan Huizinga nos auxilia nessa compreensão fazendo o seguinte paralelo:

Em época mais otimista que a atual, nossa espécie recebeu a designação de *homo sapiens*. Com o passar do tempo, acabamos por compreender que afinal de contas não somos tão racionais quanto a ingenuidade e o culto da

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

razão do século XVIII nos fizeram supor, e passou a ser de moda designar nossa espécie como *homo faber* [...]. Mas existe uma terceira função [...]. Creio que depois de *homo faber* e talvez ao mesmo nível de *homo sapiens*, a expressão *homo ludens* merece um lugar em nossa nomenclatura (HUIZINGA, 2000, p. 4).

Na condição de *homo ludens*, o brincar aciona a vida, e compreendendo desta forma, adentramos no mundo das brincadeiras das crianças da vila de Santa Maria.

Na Vila, a brincadeira da intérprete Daniele (8 anos) com o primo exemplifica bem seu *homo ludens*. O cenário é de uma casinha dentro de uma geladeira velha que se encontrava embaixo de árvore no quintal; tinha quarto e cozinha, onde a intérprete Daniele entrava e saía sem parar como se estivesse organizando a casa. Assim uma pedra virou travesseiro, um galho de palmeira virou porta. A sala, disse a menina, ficou sendo o galho da árvore, de onde o primo assistia o movimento da menina.

Ainda para o autor, a atividade do jogo (ou da brincadeira):

ultrapassa os limites da atividade significativa, isto é, encerra um determinado sentido. No jogo existe alguma coisa “em jogo” que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação (HUIZINGA, 2004, p. 3-4).

Isto nos remete que o jogo – ou a brincadeira – completa nossa natureza e assume importância pelo papel que representa para o ser brincante. Numa espécie de resistência às forças contrárias ao mundo social a que está limitado o *homo faber* da produtividade/do lucro, a criança reúne sentimentos, experiências e algo a mais – que por ora está escondido no fio condutor que é o próprio homem – e brinca.

No trabalho de Carvalho (2006), encontramos as ideias de Joan Huizinga (2004) sobre a seriedade do jogar e o brincar para criança:

A criança quando brinca, demonstra a seriedade com que encara o brincar. Esse brincar possui, uma lógica própria criada naquele momento sob a forma de um acordo, entre aquele que brinca e a atividade desenvolvida, seja em grupo ou individualmente.

Os papéis assumidos pela criança em suas brincadeiras são encarados como verdadeiros, ela não se comporta arbitrariamente, as regras são criadas por ela mesma no seu brincar. Regras diferentes do mundo do adulto, já que são criadas de acordo com sua vontade e desejos (CARVALHO, 2006, p. 155).

Para Brougère (1998), o brincar não é uma dinâmica interna do indivíduo, mas uma atividade dotada de uma significação social. O que caracteriza o jogo é

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

menos o que se brinca do que o modo como se brinca, o estado de espírito com que se brinca; atividade que pressupõe uma interpretação específica de sua relação com o mundo para existir.

Ainda do autor, podemos citar a interessante reflexão de que a brincadeira acontece dentro de uma “cultura lúdica”. Isto implica dizer pelo menos três verdades da relação da brincadeira com a cultura: a afirmação de que a brincadeira faz parte da cultura lúdica e como todo elemento da cultura deve ser ensinado; a afirmação de que cada grupo tem a sua cultura lúdica; e a afirmação que a brincadeira cria, inventa e imagina dentro apenas de sua cultura lúdica.

Para o autor, todos têm que ter cautela ao relacionar o que acontece na cultura lúdica à cultura global. E afirma que os estudos da área já conseguem afirmar que o novo criado no brincar flexiona a cultura lúdica.

Imagem 12 – O brincar com bola



Fonte: Registro de Sabrina Carvalho (2018).

Na imagem 12, os intérpretes brincam de bola após a roda de conversa.

Conversando com esta teoria, para Vygotsky (2009), a brincadeira é pura imaginação e criação. Afirma ele que a criança ao brincar recria, reinventa o real. Essa dinâmica vai depender da experiência de vida da criança: o que já viveu, o que

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

já leu, o que ouviu de alguém. Por isso, o brincar sobre o mesmo tema é diferente de idade para idade.

O autor ainda aponta que o meio é que fornece à criança material para imaginação e criação na brincadeira, mas não só o meio estático, e sim o meio em relação às pessoas, o jeito de cada pessoa se relacionar com o meio ambiente. Talvez por isso, entre as crianças ganham força as brincadeiras de papéis.

[...] elementos da experiência anterior nunca se reproduzem, na brincadeira, exatamente como ocorre na realidade. A brincadeira da criança não é uma simples recordação do que vivenciou mais uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas. É uma realidade nova que responde as aspirações e aos anseios da criança. Assim como na brincadeira, o ímpeto da criança para criar é a imaginação em atividade (VIGOTSKY, 2009, p. 17).

A consideração de uma intenção lúdica infantil conduz esta pesquisa a pensar nos intérpretes como formas de vidas na vila de Santa Maria num olhar que avança em pensar a criança não apenas como estágio de desenvolvimento do homem adulto, mas como o ser político defendido pela sociologia da infância.

Nessa teorização sobre o que é brincar para criança, acreditamos ser pertinente tratarmos o que é o brincar para a vida, compartilhando com o questionamento reflexivo de Brandão (2015, p. 18): “Ao invés de continuarmos a nos definir como ‘seres morais’ ou como ‘sujeitos sociais’, não teria chegado a hora de nos identificarmos como ‘seres da vida’?”

Sobre os saberes é consenso considerá-los oriundos de instituições ou de pessoas constituídas de nossa cultura. E nas ciências sociais, de uma maneira geral, aceita-se a ideia de que a cultura nasce na necessidade de construção dos laços sociais; é o marco que reverencia o surgimento do homem enquanto ser social.

[...] acreditamos que os seres humanos, ao saltarem da natureza para o mundo da cultura, criaram eles próprios teias e tramas de símbolos e significados. Criaram, com graus variados de intenção e de consciência sobre que faziam, a própria teia da complexa tessitura da cultura, fora da qual não há como viver uma vida humana (BRANDÃO, 2015, p. 108).

Geertz (2017) também trata disso quando afirma ser a cultura fundamental para existência humana. Sem ela, escreve o autor, seríamos como “monstruosidades incontroláveis” (GEERTZ, 2017, p. 35).

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

Para o autor, diante de uma determinada situação, temos a necessidade de refletir nossas reações dentro do mapa cultural que tutela nosso cotidiano, porque de outra maneira as possibilidades de reações que nos apresenta a situação nos colocariam em crise, a ponto de talvez não conseguirmos decidir por uma reação. E se reunirmos a ideia de que estamos constantemente tendo que decidir nossas reações, o descontrole de sentimentos e de emoções seria tal que estaríamos aptos à loucura.

Na mesma linha de raciocínio, o autor situa o impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem, afirmando uma relação de total dependência um com o outro.

Não dirigidos por padrões culturais [...] o comportamento do homem seria virtualmente ingovernável, um simples caos de atos sem sentido e de explosões emocionais, e sua experiência não teria praticamente qualquer forma. A cultura, a totalidade acumulada de tais padrões, não é apenas um ordenamento da existência humana, mas uma condição essencial para ela – principalmente base de sua especificidade (GEERTZ, 2017, p. 33).

A cultura dentro dessa visão se relaciona com o homem não como acessório, mas como ingrediente do pensamento. O que nos auxilia também no teor metodológico da pesquisa posto que, ao entrar na constituição do pensamento, a cultura se faz singular para cada grupo de convívio na tessitura de interpretações diferenciadas de trabalho, religiosidade, laços familiares, entre outros pontos. O que nos encaminha a optar por um estudo de proximidade física aos sujeitos para o entendimento de sua cultura e suas significações. Para Geertz (2017, p. 7), esse empreendimento é marcado por uma interpretação do pesquisador, classificado pelo autor como ciência interpretativa: primeiro apreender e depois apresentar com a recomendação do cuidado de entender que desta forma fazemos uma “interpretação da interpretação”.

Ainda no tocante ao assunto, interessante é a menção que Brandão (2015) faz às reflexões de Rousseau, quando na defesa da interpretação da cultura como “contrato social”, aponta que o homem abriu mão de sua primeira liberdade para evoluir. A cultura, nessa perspectiva, tutela a sociedade lhe imprimindo os hábitos, costumes, regras sociais, interditos. Novamente Brandão (2015) auxilia na discussão quando conceitua:

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

A cultura [...] é algo que sempre e inevitavelmente estamos criando. Não apenas as coisas da matéria da terra transformadas em objetos da vida, mas as tessituras de palavras, de regras, de códigos e de gramáticas sociais, de imagens e de ideias partilhadas que em nós tornam possível o viver e o conviver. [...]. Esta é nossa liberdade e a nossa servidão. Pois dentro, entre e através de tais teias que criamos os mundos sociais para podermos viver juntos no mundo natural que nos é dado (BRANDÃO, 2015, p. 111).

A atividade do brincar aqui é tomada como a mobilização da consciência infantil. Um exercício de existência necessário à construção do ser. Para Brandão,

nos gestos de uma criança, toda a complexidade do universo da consciência. E ela vai dos mistérios da decifração do DNA até a compreensão como em cada cultura o acontecimento da aprendizagem – e de tudo o que a envolve em seu dia a dia social – é imaginado, codificado e vivenciado entre os seus sujeitos (BRANDÃO, 2002, p. 134).

Com base no autor, consideramos a cultura canal analítico desta pesquisa por concentrar a matéria-prima e o produto do brincar. Isto tem a ver com os saberes que fazem parte do mundo construído para o viver de um povo. Mundo este criado e recriado pela interação dos próprios sujeitos que o compõem em suas (re)ações e não (re)ações perante os fatos. Para o autor, a cultura tutela o ser para agir e assim o sintoniza com um grupo que o mantém vivente.

Sobre como o saber nos constituem, são pertinentes as teorias de Ingold (2015) da “educação pela atenção”. Para o autor, existe uma educação que parte da percepção das coisas concretas, basta o aprendiz se dispor a olhar, ouvir, cheirar, sentir, pegar. A teorização é que as coisas se tornam presentes quando são percebidas com atenção. Isso explicaria o aprendizado que acontece só de olhar, o conhecimento transmitido de geração em geração.

O autor teoriza o conhecimento como “conteúdo mental” que passa de geração em geração a partir de “vazamentos”, “difusão pelas margens”. Mas alerta: o conhecimento faz um caminho diferente da “representação pública” à “representação correspondente na mente” do que se aprende de você que pensa para você que faz. Sendo a atividade do fazer, a consolidação do saber para o indivíduo.

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

Imagem 13 – O brincar de cozinhar



Fonte: Registro de Sabrina Carvalho (2018).

Na imagem 13, bolos de terra preparados pelas crianças da Vila secando ao sol.

Junto à consolidação do saber, o que a pesquisa evidenciou nas brincadeiras das crianças da Vila foi um importante exercício do fazer (no que diz respeito ao que acontece de trabalho na Vila, ao que se tem de respeito pelas coisas do lugar).

E este exercício do fazer em nenhum dos momentos esteve desvinculado do caráter lúdico do brincar. As emoções evidenciadas transitaram entre o prazer e a satisfação, o que me colocou frente à teoria de Duvignaud (1982) quando trata do jogo enquanto transe, êxtase e devaneio.

Para Duvignaud (1982), o jogo não tem nenhuma finalidade utilitária. A esse respeito, rompe com uma ótica utilitária e produtiva da razão econômica-científica que foi e continua sendo raiz na epistemologia de mão única que de tudo exige resultados e produção.

El juego que constituye el núcleo de toda creación y de todo lo imaginario no representa ningún concepto y el placer que provoca no es resultado de ningún sometimiento, de ninguna finalidad. Finalidad sin fin (DUVIGNAUD, 1982, p. 62).

O autor nos faz refletir sobre a necessidade de construirmos em nossas vidas momentos para mente vagar. Necessitamos experimentar momentos de liberdade,

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

de não estar preso a convenções. Duvignaud (1982) aciona a reflexão da necessidade das coisas inúteis. No devaneio, a aproximação com seu eu, a contemplação do mundo e o mergulho em um mundo que transgride as convenções e normas sociais. Tempo e espaço para o pensamento voar. O que analisamos ser perfeitamente cumprido pelas crianças da vila de Santa Maria em seus momentos do brincar.

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.



SEÇÃO IV – O BRINCAR NA VILA DE SANTA MARIA: SABERES DAS VIVÊNCIAS

Na Rua da Amizade, onde fiquei inicialmente, frustrei-me ao ver poucas crianças por perto. Ao que parece, a natalidade no lugar não tem acompanhado o mesmo ritmo do envelhecimento da população. E o que se percebe é a pouca quantidade de crianças em comparação à população adulta e idosa. Também podemos citar o fenômeno do persistente êxodo rural, em que a procura de emprego fixo, longe das roças, ainda leva os jovens a deixar o campo e se aventurar nas cidades. O que de novo temos sobre esse fenômeno é o fato de que a cidade para os jovens da vila de Santa Maria atual não é mais somente a capital do município ou Belém, mas as cidades de outros estados e às vezes até de outro país.

Mesmo tendo na rua poucas crianças, tratei de conversar com as famílias que tinham pequenos e foi assim que cheguei até Mariana (8 anos), Maria Clara (11 anos) e Rapunzel (5 anos). As duas primeiras foram minhas companheiras de andarilhadas pela Vila e cada uma, à sua maneira de existir, me forneceu um material de descoberta.

Diante do fato de que havia poucas crianças na rua onde fiquei hospedada, fui ao encontro de mais crianças nas outras ruas. E o que encontrei nessa busca, por caminhos completamente desconhecidos por mim na Vila, marcou toda essa pesquisa (por mais que isso não fizesse sentido naquele momento). É que encontrei ali, observando as crianças, a materialização de um sentimento de pertencimento e de uma liberdade que há muito não via.

Com certeza, o pertencimento e liberdade que me trouxeram de volta à Vila são os mesmos que unem os moradores que persistem em não deixar a Vila.

Chegando à Rua dos Pintos, crianças se aproximaram, curiosas pelo carro estacionado no lugar. Acredito que como o costume do lugar é cavalo e moto, um carro indica a presença de gente de fora e isso pode representar alguma novidade (uma venda ou uma doação talvez). Eram quatro meninos. Alguém de dentro da casa onde eu estava informou serem todos irmãos. Fui para perto deles, mas eles se mostraram muito desconfiados, por isso não achei o momento propício para nenhum diálogo. Só lhes apertei a mão, um a um, com o cumprimento de muito prazer. Eles aceitaram o aperto de mão e foram adentrando o terreiro que, naquele momento percebi, só tinha a cerca frontal, ficando totalmente aberto nas laterais e fundos. Talvez por isso, as crianças sentiam-se tão à vontade em entrar, como se fosse costume deles transitar por ali. Ao passarem da casa, a criança maior que tinha um dos irmãos menores enganchado na cintura, gritou: “Vamos para o cajueiro!”.

Imagem 14 – O brincar de crianças no cajueiro



Fonte: Acervo pessoal da autora (2017).

Na imagem 14, os meninos brincam nos galhos do cajueiro, e observando como estão à vontade nos galhos em que estão pendurados, parece que a visita àquela árvore acontece com certa frequência. Os galhos fortes, mas levemente flexíveis do cajueiro, funcionam como verdadeiros balanços numa comunhão amistosa entre crianças e árvore.

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

Essa atmosfera de cumplicidade das crianças com a natureza da Vila é transmitida pelos diálogos das crianças não só com as árvores, mas também o rio e os céus dos campos. Para mim, a materialidade da perceptível experiência de pertencimento e liberdade, a que me refiro acima.

Imagem 15 – O brincar de crianças nos campos alagados



Fonte: Acervo pessoal da autora (2018).

Na imagem 15, a intérprete Mariana (8 anos) brinca com a irmã nos campos alagados, onde a natureza é cenário perfeito para o voo imaginário.

As primeiras crianças de meus contatos, brincando, mostraram-me uma Amazônia inteira dentro de si. Belezas presentes na conquista, no devaneio e no desejo, sendo responsáveis por imprimir todo o ritmo cotidiano da Vila.

Os mistérios dessa beleza estão implicados no que estamos considerando como as marcas da natureza no homem amazônico. Uma poética que por mais que seja explicada, só pode ser entendida por quem vive o olhar de um horizonte dos campos ou um céu em várias tonalidades de verdes das copas das árvores da mata ou um deslizar de canoa na imensidão de um rio de margens infinitas.

Para as crianças da pesquisa, a dosagem dos vários graus de pertencimento e liberdade constituem o que cada criança é e, conseqüentemente, como são suas brincadeiras.

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

Ainda em busca de crianças, na escola da Vila, onde pedi permissão para fazer visitas, sondei a turma que atendia a faixa etária estabelecida pela pesquisa. Como já expliquei em linhas anteriores, construí a sistemática de, em todas as visitas de incursões da pesquisa à Vila, ir até a escola e visitar essa turma. Era uma turma multisseriada abrangendo crianças de 7, 8 e 9 anos.

Meu primeiro contato com as crianças na turma foi em minha terceira visita de incursão à Vila. Cheguei à escola ansiosa. O coração de uma pesquisadora bate acelerado nesta hora. Como as crianças iriam me receber? Será que eu conseguiria me aproximar a ponto de apresentarem-me suas brincadeiras?

Imagem 16 – A escola da Vila



Fonte: Registro de Sabrina Carvalho (2018).

Na imagem 16, a Escola de Ensino Infantil e Fundamental Francisco Nascimento. Aqui crianças estudam da educação infantil ao nono ano do ensino fundamental. Dessa escola, já conhecia Mariana (8 anos) e Maria Clara (11 anos) e Rapunzel (5 anos) da Rua da Amizade, onde estive hospedada. Mas, aos poucos, a escola deu-me sinais de outras familiaridades, porque reconheci como parentes meus muitos alunos e até funcionários da escola. Em certo momento da pesquisa, percebi que ter um círculo de conhecimento de pessoas dentro da escola, somado ao fato de estar hospedada na casa de tia Dadá, credenciava-me positivamente para a pesquisa. “Ah! Ela é sobrinha da tia Dadá”, diziam sempre que eu me apresentava.

No dia de minha primeira visita à turma, quinze crianças estavam na sala. Durante as quatro horas de atividades, fiquei na sala, na intenção de construir alguns vínculos. Ia até as crianças sentadas, auxiliava no dever, fazia um carinho, perguntava o nome. Foi assim que conheci Gustavo (7 anos), Carlos (8 anos), Luan (8 anos), Daniele (9 anos), Bonequinha (7anos), Neimar (9 anos), Maria (7 anos), Cláudia (9 anos) e João (7 anos). No decorrer da coleta de dados, foram incluídos Renata (11 anos), prima que, como já foi citado, juntamente com Maria Clara (11 anos) e Rapunzel (5 anos) pela presença constante, passaram a também fazer parte da pesquisa.

A criança partícipe da pesquisa não é novidade nas pesquisas com crianças, pois uma considerável parcela de pesquisadores tem aproveitado esse protagonismo positivamente nas pesquisas.

O protagonismo das crianças é levantado pela sociologia da infância na intencionalidade de visualizar, no movimento de existência das crianças, as relações sociais estabelecidas globalmente, inter e intrageracionalmente resultados das diversas convergências que as circulam.

Com grande contribuição ao campo da infância, a sociologia da infância vem formulando reflexões pertinentes no que diz respeito ao olhar político sobre este segmento da sociedade.

Sendo um dos principais autores da sociologia da infância, Sarmiento (2005) defende para criança um *status* político, ressignificando as perspectivas biológicas que ordenavam a criança a um simples “estado intermédio de maturação e desenvolvimento humano” (SARMENTO, 2005, p. 363).

Nas últimas décadas, o *status* político e social da criança vem sendo muito discutido, principalmente, por conta da intensificação da urbanização; a participação da mulher no mercado de trabalho; as mudanças na organização e estrutura das famílias e os avanços nos estudos sobre a infância e a consciência infantil. Anterior a isso, autores atribuíram à modernidade a motivação da discussão mais aprofundada sobre a criança, principalmente, por conta da redução do índice de mortalidade infantil, avanço científico e mudanças econômicas e sociais.

Dentre as mudanças econômicas e sociais, é pertinente a relação que Cardoso (2011) faz das consequências da II Guerra Mundial e das reivindicações do

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

movimento trabalhista, no que concerne respectivamente ao abandono de crianças em decorrência da desestruturação das famílias na guerra e ao combate ao trabalho infantil na explosão das indústrias por intermédio da Revolução Industrial.

Para esta pesquisa, as crianças delimitaram todo o caminho a ser percorrido. Seus convites, suas expressões e suas ações direcionadas a mim foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa.

Amparada em estudos já descritos, adentrei no universo da brincadeira de nossos intérpretes acreditando que tinha muito a descobrir. Para Vygotsky (2009), os instintos infantis, em que pese parecerem, ao primeiro contato nocivo, se referindo à curiosidade, à entrega ao imaginário, ao amor ao fantástico, são na verdade portas de encontro da criança com o potencial da criação humana. E estar com elas em seus momentos de brincadeiras, de certa forma, me colocava nessa mesma condição.

Mas afinal como eram essas brincadeiras?

Nos estudos sobre a ludicidade de Brougère (1998), o autor nos informa que o jogo e a brincadeira, em uma visão romântica, são vistos por excelência como campo cultural e isto lhe coloca (ou tenta lhe colocar) na condição de reprodutor de cultura. Da mesma forma, apresenta-nos como uma segunda visão, agora de cunho mais mercadológico, o brincar como algo inútil e improdutivo e isto lhe silencia (ou intenciona lhe silenciar). E por fim defende que “o espaço lúdico vai permitir ao indivíduo criar e entreter uma relação aberta e positiva com a cultura” (BROUGÉRE, 1998, p.01).

Neste contexto, situo o observado, ouvido e sentido com e das crianças da vila de Santa Maria, consciente de que tudo que posso dizer a respeito de minhas coletas na pesquisa são interpretações e para ser mais exata, “interpretação da interpretação”, emprestando de Geertz (2014) à referida expressão.

A seguir um quadro para visualização de todas as brincadeiras me apresentadas pelas crianças da Vila:

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

Quadro 02 – Brincadeiras coletadas na Vila de Santa Maria com os intérpretes da pesquisa

Brincadeira	Criança que a apresentou	Local onde ocorreu
Brincadeira de casinha	Mariana/Daniele/ Cláudia/Rapunzel/	Na sala da casa da bisavó/embaixo do cafezal no quintal/na parede ainda de pé da casa abandonada/na barraca de guardar lenha, na geladeira abandonada no quintal/em bancos embaixo das árvores do quintal/em cima da tampa acimentada no quintal
Brincadeira de escola	Mariana/Maria Clara	No que resta da casa derrubada da bisavó
Brincadeira de carro	Carlos/Gustavo	Na sala da casa do avô/no terreiro em frente à casa da avó
Brincadeira de boneca	Bonequinha/Mariana	Em bancos embaixo das árvores do quintal/em cima da tampa da fossa no quintal
Brincadeira de pira	Neimar/Gustavo/ Bonequinha/M ^a Clara/ Mariana/Luan/Carlos	No terreiro em frente à casa da avó/ao lado do campo de futebol no centro da Vila
Brincadeira de bola	Neimar/Bonequinha/ M ^a Clara/Luan/Mariana/ Carlos/Renata	No campinho organizado debaixo das mangueira na casa da avó/em frente à casa da avó
Brincadeira de andar de bicicleta	João	Nas ruas da Vila
Brincadeira de subir nas árvores	João/Daniele/	Em árvore no quintal e na frente da casa da avó/em árvore próximo a porteira da casa
Brincadeira de balanço	Cláudia	No quintal da casa
Brincadeira de rio	Mariana	No rio do Quanneruquara
Brincadeira de saltos	Daniele	No terreiro em frente a casa da avó
Brincadeira de pintar	Maria	Na sala de sua casa
Brincadeira de montar	Luan	Na varanda da casa

Fonte: Diário de campo, registro de observações e registros de roda de conversa com os intérpretes.

De acordo com o quadro acima, podemos perceber que as brincadeiras das crianças aconteciam quase sempre nos quintais das casas, ou no entorno dos mesmos.

A seguir procuro descrever as brincadeiras coletadas respeitando as fontes do quadro supracitado e já analisando alguns aspectos à luz das referências dessa pesquisa.

Imagem 17 – O brincar de casinha embaixo da mangueira



Fonte: Acervo pessoal da autora (2017).

Na imagem 17, uma brincadeira de casinha organizada embaixo da mangueira usando descarte de utensílio de cozinha real, como copos, latas e panelas. A casinha era mantida no quintal e pertencia às intérpretes Mariana (8 anos) e Maria Clara (11 anos), mas recebia visitas de primas e vizinhas que, trazendo brinquedos, vinham brincar. A brincadeira acontecia com alguns brinquedos industrializados e muitos brinquedos construídos pelas crianças com material descartado.

O autor Walter Benjamin, em suas reflexões sobre a criança e o brinquedo, nos remete a pensarmos o poder criativo e construtor da criança em “fazer história dos detritos” (BENJAMIN, 2002). No uso do que já foi descartado, a criança ressignifica objetos, incorpora o que era considerado à margem numa nova intencionalidade, usando um poder que nós adultos perdemos ao nos acostumarmos com objetos comprados prontos e suas histórias já ditas.

Presenciei sete brincadeiras de casinha na Vila. As casinhas foram-me apresentadas por meninas e estavam em lugares diversos no ambiente das moradias: na sala, no quintal embaixo do cafezal, na parede abandonada da casa vizinha, no banco de debaixo das árvores, na velha geladeira no quintal, na barraca de guardar lenha. Cada uma organizada de maneira diferente. Umas enfatizando a cozinha, outras repartindo os compartimentos para representar a casa inteira,

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

algumas com farto material representativo dos equipamentos de uma casa real, outras com menos. Na vila de Santa Maria, as casinhas são montadas pelas crianças e permanecem assim organizadas por dias.

Quando perguntadas em roda de conversa, *como é a brincadeira de casinha*, as crianças responderam:

Começa quando a gente monta a casinha e termina quando a gente quer. (Daniele, 9 anos)

A casinha é o lugar da nossa brincadeira. (Bonequinha, 7 anos)

Tem tudo que uma casa tem e a gente fica lá, brincando, até a mamãe chamar. (Rapunzel, 5 anos)

As respostas das intérpretes Daniele (9 anos) e Bonequinha (7 anos) ao falarem “quando a gente quer” e “nossa brincadeira” expressam sentimentos muito presentes nessas brincadeiras: a autonomia, a posse e a liberdade. Enquanto brincam de casinha têm autonomia para fazerem do jeito que querem fazer. Do mesmo jeito que o que produzem e criam na brincadeira lhes pertencem. A resposta de Rapunzel (5 anos) “até a mamãe chamar” indica a delimitação do tempo do brincar, quando o interesse que rege os sentimentos das crianças se confronta com o interesse que rege os sentimentos dos adultos.

É verdade que presenciei casinhas derrubadas a mando da bisavó, que ficou com medo da ameaça de pulgas nas netas embaixo dos cafezais, e casinha derrubada para desocupar o lugar na barraca para guardar lenha. Esta ação de derrubar a casinha pode representar a destruição da brincadeira, da mesma forma que a retirada das chinelas que demarcam a área do gol, na brincadeira de bola, impede a continuação do jogo. Mas, se terminar com a brincadeira não for uma ação de desrespeito, a criança é perfeitamente capaz de entender, processar e até tirar proveito positivo da situação.

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

Imagem 18 – O brincar de escola



Fonte: Registro de Sabrina Carvalho (2018).

A brincadeira de escola, exemplificada na imagem 18, acompanha um pouco do que já foi dito sobre a brincadeira de casinha, já que ambas são classificadas como jogo de faz-de-conta. O que diferencia é que na brincadeira de escola aparecem materiais e utensílios como quadro escolar, livros, cadernos, carteira

No brincar de escola que presenciei na Vila, brincavam as intérpretes Mariana (8 anos) e Maria Clara (11 anos). Ambas faziam o papel de alunas e uma professora imaginária tinha lhes solicitado algumas tarefas escritas no caderno (que foram produzidas por Maria Clara). Na conversa estabelecida na brincadeira, comentários sobre a suposta professora: “A professora vai te brigar”, disse Mariana à Maria Clara.

Estudos sobre o jogo de faz-de-conta nos aciona a reflexão de que este momento de saída da realidade é mais filosófico do que pedagógico para criança. Isto porque este momento liberta a criança de certa amarra social e a brincadeira acontece acionando memória, experiência, sentimentos e desejos.

Sarmiento (2005) explica que

Este processo é criativo tanto quanto reprodutivo. O que aqui se dá à visibilidade, neste processo, é que as crianças são competentes e têm capacidade de formularem interpretações da sociedade, dos outros e de si próprios, da natureza, dos pensamentos e dos

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

sentimentos, de o fazerem de modo distinto e de o usarem para lidar com tudo o que as rodeia (SARMENTO, 2005, p. 373).

Na mesma linha, outras brincadeiras de faz-de-conta são acionadas na Vila e na preferência dos meninos, está a brincadeira com carros.

Ao serem questionados sobre *como é a brincadeira com carros*, Daniele (9 anos) e Carlos (8 anos) responderam:

Carrinho é coisa de menino. (Daniela, 9 anos)

É só ter o carrinho e brincar. (Carlos, 8 anos)

Para a pesquisadora Bichara (1994), a informação dada pela intérprete Daniele (9 anos) sobre carrinho ser “coisa de menino” é uma ressonância da realidade dos comportamentos na Vila.

Na Vila, não é comum as mulheres dirigirem; nas poucas famílias que têm carro, os motoristas são homens.

Os carros, caminhões, caçambas, parecem estimular nas crianças, principalmente nas crianças do sexo masculino, o poder dirigir e a partir de enredos e cenários construídos por eles para os carrinhos, aí a brincadeira acontece. As crianças da Vila brincam com carrinhos industrializados, mas, vez ou outra, são facilmente e naturalmente substituídos por elementos naturais do espaço onde ocorria a brincadeira (pedra de brita, madeira), significando que o brinquedo industrializado insinuava a brincadeira, mas o elemento principal desse brincar era mesmo a imaginação.

Com as brincadeiras de carrinho, bonecos, barcos, mesmo que estes sejam industrializados, as crianças constroem enredos ligados ao seu dia a dia na Vila. Nesses enredos, os carrinhos vão para Traquateua, Capanema, Bragança, Belém e estão carregados de produtos da Vila (pedra de brita da pedreira, por exemplo).

Imagem 19 – O brincar de boneca



Fonte: Registro de Sabrina Carvalho (2018).

Na imagem 19, o brincar de boneca. Esse tipo de faz-de-conta está na preferência das meninas e também tem a imaginação como conteúdo principal. Os estudos de Beraldo e Carvalho (2003) sobre brincadeiras na cidade grande pontuam dois caminhos por onde passeiam a imaginação numa situação de brincadeira de boneca: com as bonecas no papel de filho ou filha, no qual os cuidados de dar mamadeira, dar banho, levar para passear, levar para o médico, fazem parte do enredo, sendo a brincante, a mãe da boneca. E com as bonecas no estilo “Barbie” em que a brincante “faz o papel da própria Barbie, uma moça moderna vivendo uma vida cheia de emoções” (BERALDO; CARVALHO, 2003, p. 170).

Na vila, as duas situações foram visualizadas com a intérprete Bonequinha (7 anos) e sua “filhinha” (boneca de chupeta na boca), em brincadeira organizada no quintal de sua avó, e com as intérpretes Mariana (8 anos) e Maria Clara (11 anos) e suas bonecas Barbies, ao cortarem tecidos e vestir as bonecas com as roupas que inventavam.

No acúmulo de conhecimento sobre as singularidades de ser criança, está a afirmação da brincadeira como atividade principal de existência, sendo pauta indispensável para o entendimento do sujeito criança a nível de interação, desenvolvimento e conhecimento.

Nas brincadeiras de correr, as chamadas “piras”, aparecem o pacto de regras estabelecidas culturalmente para aquela brincadeira. Pude presenciar dois momentos do brincar de pira na Vila.

Primeiro com o intérprete Neimar (9 anos), próximo ao campo da Vila em um grupo maior de crianças. Era final de tarde e ao que pareceu era costume do grupo reunir-se para brincar naquele horário sob os olhares de vários moradores que, sentados à porta das casas, apreciavam o movimento das crianças. O grupo dessa brincadeira era mais adolescente e mesclavam a brincadeira de pira com músicas e danças de seu universo jovem. O intérprete Neimar (9 anos) parecia ser o mais novo entre eles, mas isso não o deixava desconfortável. No início, a brincadeira era de pira-pegar, mas depois de uns quinze minutos de brincadeira, uma das crianças sugeriu mudarem a brincadeira para pira-ajuda.

A segunda brincadeira de pira aconteceu entre o intérprete Gustavo (7 anos) e sua prima no terreiro da avó. Nessa brincadeira, a pira apareceu com galopes de cavalos. O menino corria na frente da prima, que tentava pegá-lo, mas fugia galopando. Em outros momentos com o intérprete, tive a oportunidade de conhecer sua paixão pelos cavalos e talvez isso explique a ocorrência do tema em sua brincadeira de pira.

Uma informação inicial sobre a brincadeira de pira é que a brincadeira é muito apreciada pelas crianças de nossa região e ganha particularidades dependendo do grupo que está brincando. As pesquisadoras Magalhães, Souza e Carvalho (2003) em estudo intitulado “Piras do Riacho Doce” relacionaram oito variantes de pira observadas no momento e local onde ocorreu sua pesquisa e uma em especial me chamou atenção. Foi a brincadeira que as pesquisadoras coletaram das crianças como sendo “pira-mãe na armação”. Esta consistia na brincadeira em cima da armação de madeira, parte da estrutura de uma casa na comunidade do Riacho Doce. Ao que tudo indica, é normal as crianças variarem a brincadeira agregando novas regras e aspectos presentes no ambiente à brincadeira. A “pira-mãe na armação”, por exemplo, não é comum a todos os ambientes, assim como a variação criada por nosso intérprete de, em vez de correr, galopar.

Quando perguntados na roda de conversa *como é a brincadeira de pira*, os intérpretes responderam:

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

É só correr e não deixar te pegarem. (Daniele, 9 anos)

Tem pira-pegar, pira-alta e pira-esconde. (Neimar, 9 anos)

Nas respostas das crianças, a regra geral e as variações. Ao que parece, as regras são conhecidas por todos, sendo decidido no início da brincadeira qual pira irão brincar, os limites onde acontecerá, o que vale e o que não vale (por exemplo, até onde vale se esconder de ser pego na pira-pegar, os lugares altos que vale para pira-alta, onde vale se esconder na pira-esconde).

Em Vygotsky (2008, p. 11), alguns pontos de reflexão sobre as brincadeiras com regras:

a cada passo, (a criança) enfrenta um conflito entre a regra da brincadeira e o que faria se pudesse agir imediatamente. Na brincadeira, a criança age contra o que deseja naquele momento.

Para o autor, o exercício das regras acionado nas brincadeiras, seja ao assumir um comportamento social que lhe empresta um manual de conduta daquela personagem na vida cotidiana, seja na construção das próprias regras das brincadeiras, dentro da sua lógica de interesse individual ou coletivo, lhe credencia à sociedade. Para tanto, as brincadeiras estão cheias de saberes da nossa vida social.

Imagem 21 – O brincar de bola



Fonte: Registro de Sabrina Carvalho (2018).

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

Na vila de Santa Maria, o brincar de bola está diretamente relacionado ao futebol. O local para essa brincadeira podem ser os quintais das casas, terreiros ou em espaço próprio para esse brincar, onde meninos e meninas se misturam.

Sob essa influência, existem campinhos para brincadeira de bola em alguns terrenos maiores da Vila. E lá meninos e meninas se misturam para brincadeiras. Presenciei no tempo da pesquisa duas dessas brincadeiras de bola.

No primeiro jogo observado, a intérprete Renata (11 anos) jogava no primeiro contato que tive com ela na Vila. O jogo acontecia com a menina no comando. A bola passava de pé em pé, não necessariamente para o pé do colega do mesmo time, até a finalização da jogada com um gol, quando tudo recomeçava e o placar era lembrado por algum integrante dos times.

Renata (11 anos) era visivelmente a liderança do jogo. Tirava e colocava gente no time. De tempo em tempo, sentava-se para descansar e colocava alguém jogando em seu lugar. Quando sentada, mexia no celular (ao que parece era a única que tinha celular) e várias outras crianças vinham para cima. Renata parecia feliz naquele papel e todas as outras crianças (em torno de quinze) também pareciam felizes com o seu comando.

A segunda brincadeira de bola observada na pesquisa foi com os intérpretes Carlos (8 anos), Neymar (9 anos), Luan (8 anos), Mariana (8 anos) e Bonequinha (7 anos). Nesse jogo não se definiu times e a bola era passada de pé em pé e por vezes carregada com a mão, o que fez o menino Neymar (9 anos) zangar-se por dizer que os colegas não sabiam brincar.

Quando em roda de conversa as crianças foram perguntadas sobre *como é a brincadeira de bola*, responderam:

Dois times brigam por causa da bola. E tem que fazer gol de uma lado e de outro. (Neymar, 9 anos)

Quem faz mais gol é que ganha. (João, 7 anos)

A Vila tem um campo de futebol em sua área central onde, pelo menos uma vez por semana, acontecem disputas de futebol. Times de outras localidades vêm para as disputas e isso deixa a área do campo movimentada por adultos e crianças. É comum os campos de futebol nas comunidades amazônicas e geralmente são localizados na área central da comunidade. No caso da Vila, já houve proposta de

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

transferência do campo para a área que seria urbanizada a oeste da vila, o que não foi aceito, pela justificativa de que a participação das famílias e das crianças diminuiria no futebol.

Na brincadeira de andar de bicicleta não existe espaço determinado. O andar de bicicleta na vila de Santa Maria é uma prática comum entre os moradores por facilitar o deslocamento entre alguns pontos mais distantes da vila e seu entorno. Entretanto, para as crianças, esse andar de bicicleta significa brincar.

Para meninas e meninos da Vila, a bicicleta assume o caráter de brinquedo, e a utilizam livremente, sem compromisso, em que seu objetivo maior é pedalar por recantos da Vila escolhidos por eles. São momentos de alegria, liberdade e descoberta. Para as crianças, brincar de bicicleta é simples, como nos responde João (7 anos):

Era só andar. Tu pega a bicicleta e vai. (João, 7 anos)

Brincar de bicicleta para João (7 anos) acontece sem muito planejamento prévio. O itinerário, o destino de cada minuto seguinte, ao que parece, é traçado ao pedalar. Dessa forma, a brincadeira exemplifica liberdade e arrisco a análise de um certo devaneio tomando como referência Duvignaud (1982) quando teoria sobre o jogo dentro do campo das “coisas inúteis”. O prazer sem compromisso faz com que as brincadeiras sejam requeridas a todo instante pelas crianças e isto evidencia a felicidade que elas têm a nos exemplificar como vida.

Ao observar as crianças brincando na árvore percebi que muitas vezes os galhos das árvores se transformavam em moto, balanço, e até mesmo a brincadeira de casinha era incorporada à árvore. O intérprete João (7 anos) diz gostar de subir na árvore, um pé de goiaba, para olhar o movimento da estrada, comer goiaba e descansar. As crianças reconhecem lugares como este propícios a suas brincadeiras pela sombra que ela produz, como afirma Daniele (9 anos), e para Luan (8 anos) que dizem:

Na árvore é sombra, e a gente pode brincar lá. (Daniela, 9 anos)

O galho balança, parece que vai cair, mas não cai, é divertido. (Luan, 8 anos)

A fala de Luan nos reporta a Roger Caillois, autor que classifica os jogos em quatro categorias: o *agôn*, a *alea*, a *mimicry* e o *ilinx* (CAILLOIS, 1990). Nesse brincar

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

de Luan (8 anos), o *ilinx* (que deriva de “ilingos” que quer dizer vertigem) se faz presente porque o balançar no galho da árvore provoca sensações diferentes no corpo, como a vertigem, excitação, uma perturbação orgânica prazerosa.

Ainda em relação ao brincar na árvore, Cláudia (9 anos) mostrou em seu quintal um balanço, feito com o aro de uma roda de bicicleta pendurado por uma corda em um dos galhos da árvore. A menina impulsionada com os pés se balançava no balanço improvisado. Aqui também pode ser percebida a categoria do *ilinx* de que nos falou Caillois (1990): a sensação de balançar cada vez mais alto também provoca a vertigem de que nos fala o autor.

Imagem 22 – O brincar de balanço no quintal



Fonte: Registro de Sabrina Carvalho (2018).

Nessa brincadeira especificamente temos a evidência da interferência/ajuda do adulto, pois a corda precisa estar bem amarrada. Alguns estudos apontam para a posição de mediação que os adultos podem assumir entre as crianças e as brincadeiras, em nome de um favorecimento em prol da criança. Por exemplo, construir o brinquedo ou instrumento da brincadeira junto com elas, assegura a diminuição dos riscos que a brincadeira pode oferecer. Na mesma linha, preparar um brinquedo ou um espaço de brincadeira é construir situações lúdicas de aprendizado para as crianças. Assim como, ensinar a brincadeira também é uma

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

maneira de mediação favorável do adulto com o brincar, concordando com Brougère (1998) que afirma que as brincadeiras precisam ser ensinadas:

o primeiro efeito do jogo não é entrar na cultura de uma forma geral, mas aprender essa cultura particular que é a do jogo. Esquecemo-nos facilmente de que quando se brinca se aprende antes de tudo a brincar, a controlar um universo simbólico particular (BROGÈRE, 1998, p. 3).

A água também é cenário onde muitas brincadeiras acontecem, pois a Vila se localiza em uma região de campos e possui o Rio do Queneruquara, que é aproveitado pelas crianças para banhos e brincadeiras. Nas brincadeiras no rio, o corpo é o principal instrumento, manifestado nos movimentos de muitos saltos, principalmente de locais altos, seguido de mergulhos.

Para esta brincadeira acontecer, os pais têm que levar as crianças ao rio, já que ele fica um pouco afastado das moradias. Os campos cheios (de janeiro a julho) também são um convite à brincadeira, mas, ao que parece, a Vila obedece o interdito de não brincar nos campos em função do perigo, principalmente dos animais como búfalos e cobras que lá se encontram.

Outras brincadeiras certamente são desenvolvidas na Vila, mas no tempo e propósito desta pesquisa, as descritas acima foram as mais acionadas pelos intérpretes e consideramos termos na reunião destas um bom quadro das manifestações lúdicas do lugar.

Diante dessas brincadeiras, busquei analisar por entre seu desenvolvimento, com a sensibilidade da observação e da escuta, os saberes que ali estavam presentes.

4.1 SABERES QUE VÊM DO BRINCAR

No brincar das crianças da Vila, muitos saberes são revelados. São saberes que surgem da convivência com os adultos no seu cotidiano, seja em casa, nas casas de farinha, nos campos, na pedreira, enfim, em tudo o que é vivido no seu dia a dia, como por exemplo no brincar de casinha, onde as meninas reproduzem as atividades desenvolvidas no âmbito doméstico.

A imitação das crianças na atividade da cozinha, em suas brincadeiras, certamente está ligada à rotina que vivenciam em casa com a pessoa adulta que lida

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

com a atividade (a mãe ou avó, por exemplo). Interessante notar que nessa brincadeira, o ambiente está repleto de utensílios reaproveitados do descarte do adulto ou construídos pelas crianças. São panelas com o cabo de galho de árvore, colheres e facas amassadas, copos descartáveis usados e fogão de tijolo. Brinquedos construídos pelas crianças e que agregam para elas significados particulares.

Walter Benjamin (2002) escreve que a criança e o colecionador são movidos pela mesma relação homem-objeto, na qual o interesse no objeto transcende para atingir “todo o passado deste, assim como o passado que pertence a sua origem e qualificação objetiva, e ainda os detalhes de sua história aparentemente exterior” (BENJAMIN, 2002, p. 137). Para a criança, cada brinquedo de suas mãos lhe interessa pela história que emana dele – não sua história real, mas a história imaginada para ele. Por isso as crianças podem ficar horas em meio a brinquedos, imersos num mundo alheio ao real.

Imagem 23 – O cozinhar



Fonte: Acervo pessoal da autora (2017)

Mariana (8 anos) mantém em seu quintal uma casinha organizada para seus momentos de brincadeira. A brincadeira está organizada em cima de uma tampa de cimento, lá está localizada a cozinha da “casa”, e o que evidencia esta conclusão é o

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

fogão representado por um tijolo e a panela de comida em cima dele, representada por instrumento de metal e a madeira imitando panela e lama imitando a comida.

No movimento corporal das crianças mexerem a lama na panela estão seus saberes sobre os diversos utensílios selecionados e a atividade de preparar a comida. Reproduzem uma cena que já viram com certeza, por bem mais de uma vez. As brincadeiras passam, assim, a ser afirmações dos saberes do trabalho de cozinha que essas crianças têm. E arriscaria dizer mais do que isso: as brincadeiras de casinha são exercício de uma prática. A prática que Ingold (2001) coloca como caminho de afirmação do conhecimento de que “todo ser humano é um centro de percepções e agência em um campo de prática. Para o autor, a afirmação do conhecimento está em praticar.

Em outra brincadeira de casinha, a intérprete Bonequinha (7 anos) estava na sala de sua bisavó. A pequena sala estava reorganizada pela menina com cadeiras dividindo o quarto, a sala e a cozinha.

A brincadeira de casinha já foi pauta de estudos de Carvalho e Pedrosa (2003) que, ao observar cenas de crianças brincando, estimulam nosso olhar para as motivações humanas que esta brincadeira aciona:

A observação da brincadeira de casinha e a reflexão sobre suas motivações e funções são instigantes em vários sentidos. Não nos ensinam apenas sobre a criança, suas competências sociais e exploratórias precoces, sua autonomia e criatividade no uso dos recursos do meio [...]. Para além disso, ensinam sobre motivações humanas básicas, que se revelam por detrás da enorme diversidade situacional e cultural das manifestações concretas desse brincar (CARVALHO; PEDROSA, 2003, p. 45).

Bonequinha (7 anos) brincava com a prima, exercia autoridade, ordenando o que a prima teria que fazer. A todo instante acrescentava algo ao roteiro da brincadeira que parecia se construir no desenvolvimento da própria brincadeira.

A menina agia como se fosse uma dona de casa: varria, passava roupa, arrumava a cama, penteava o cabelo da prima e a mandava ir trabalhar. Um boneco era seu filho, para o qual dava comida e colocava para dormir.

O contexto imaginário, desenvolvido na brincadeira, mostrava um domínio em relação às tarefas de uma casa. Sabia executar as tarefas e as colocava no tempo que sua vivência estava acostumada ver acontecer, o que era demonstrado nas

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

falas que acompanhavam a brincadeira: “Temos que arrumar tudo porque vai chegar visita!”, ou “ Vai dormir porque amanhã você vai trabalhar cedo”.

Os saberes do trabalho doméstico passam assim a ser enredo das brincadeiras e a rotina de uma dona de casa é representado pela menina com destreza, evidenciando saber como realizar as tarefas e exercitando sua experiência e sua imaginação.

Para Vygotsky (2009), a brincadeira é, a partir da experiência, imaginação e criação. Afirma que a criança ao brincar recria, reinventa o real. Essa dinâmica vai depender de sua experiência de vida, o que já viu, o que já viveu, o que já leu, o que já ouviu de alguém. Por isso, o brincar com o mesmo tema é diferente de idade para idade. O autor ainda aponta que o meio é que fornece à criança o material para imaginação e criação na brincadeira. Mas não somente o ambiente absoluto e estático. O meio em relação com as pessoas.

Vygotsky (2009) conseguiu estabelecer quatro vínculos entre a realidade e a imaginação dos quais destaco dois:

A primeira forma consiste no fato de que toda obra da imaginação se constrói sempre de elementos tomados da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa. [...]. A quarta e última forma de relação entre imaginação e realidade é que a construção da fantasia pode ser algo completamente novo que nunca aconteceu na experiência de uma pessoa e sem nenhuma correspondência com algum objeto de fato existente; no entanto, ao ser externamente encarnado, ao, adquirir uma concretude material, essa imaginação “cristalizada”, que fez objeto, começa a existir realmente no mundo e a influir sobre outras coisas (Vygotsky, 2009, p. 22).

. Acompanhando, por exemplo, a situação de imaginação de uma criança na brincadeira de cavalo com um cabo de vassoura, percebemos a utilização pela criança de elementos de sua experiência da formação de sua imaginação – a função de transporte que este tem para o homem, do saber a forma de domesticação do animal, os nomes que geralmente se atribui aos cavalos, o processo de prender o animal, a alimentação oferecida. Na mesma linha, explica a segunda relação imaginação/experiência, o que nos sugere uma via inversa de dependência, quando nos servimos da imaginação para nos fazer sentido a história de uma civilização o qual nunca estivemos antes. Neste caminho, nossa imaginação trabalha na materialização da realidade, que passa de perspectiva desconhecida à experiência. É o que o autor chama de imaginação como fonte de experiência.

Vygotsky e seus estudos nos fazem refletir sobre o potencial da imaginação e criação da criança em fazer o novo acontecer. Pode ser o novo, a partir do que já existiu. Um poder acionado pela liberdade do criar. Que para mim, muito se assemelha às obras artísticas que a partir da sensibilidade e da criticidade produzem sentido.

Podemos citar ainda nas brincadeiras de casinha observadas a latente questão de gênero. Todas as brincadeiras de casinha desta pesquisa foram-me apresentadas pelas meninas intérpretes da pesquisa e, ao que parece, são realmente a meninas que cultivam na Vila o brincar de casinha. Os meninos, às vezes também brincam, mas são elas as “donas da brincadeira”. Talvez porque na vida cotidiana da Vila são as mulheres que têm a função de cuidar da casa, embora muitas mulheres além do trabalho da casa, assumem com a força necessária muito do trabalho rural do plantio, da farinha, da capinação dos terrenos, entre outras tarefas.

Carlos (8 anos), ao brincar com seus pequenos caminhões, também revela outro aspecto do trabalho desenvolvido na Vila. Na sua brincadeira, estão presentes os caminhões que transportam o material extraído da pedreira local.

Ao chegar à sua casa, encontro o intérprete brincando na sala em meio a vários caminhões de brinquedo de tamanhos variados. A casa fica localizada no corredor de trânsito de caminhões vindo da pedreira (Isso quando a pedreira está em atividade) e nesses momentos o vai e vem dos veículos realmente chama a atenção. Talvez isto explique a paixão do menino pelos caminhões. Em sua brincadeira, uma fila de caminhões andava à medida que o menino puxava de um a um carro, fazendo, baixinho, um barulho de motor com a boca.

No brincar com os caminhões, o menino nos mostra muito do saber que assimilou no contato com os caminhões passando em frente à sua casa (o cuidado com a carga que carregava, o trânsito enfileirado, a parceria caminhoneiro e caminhão).

Outro intérprete, Gustavo (7 anos), brincava junto com sua prima, utilizando uma pequena caçamba cheia de areia, que ao chegar ao destino descarregou, acionando devagar um dispositivo imaginário que levantava a carroceria, derramando toda a areia no chão. Mas, antes de fazer a próxima viagem, construiu

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

uma lombada por onde a caçamba tinha o desafio de passar por cima sem derramar a suposta carga de areia, feito conseguido com sucesso e comemorado com um sorriso, demonstrando saber como funciona uma caçamba, como transporta e descarrega a mesma, além de saber dos desafios que o veículo enfrenta nas estradas.

Também tivemos a oportunidade de ver em muitos momentos as crianças acompanhando os pais em suas ocupações na rotina da Vila. A intérprete Cláudia (8 anos) é uma criança que cumpre com a mãe a rotina inteira de trabalho na Vila. Tirando lenha, catando coco babaçu, cuidando das galinhas, dos porcos e todo resto. É comum vê-la em sua bicicleta seguindo a bicicleta da mãe pelas ruas da Vila, indo ou voltando de alguma atividade. Ao acompanhar a mãe, a menina ganha a sabedoria do como fazer e quando em roda de conversa foi perguntada se dá para brincar enquanto trabalha, respondeu que sim.

É pertinente dizer que em minhas observações nos momentos de adultos e crianças no trabalho, não vi ações que possam ser interpretadas por mim como exploração ou mesmo trabalho infantil. Considerando que todas as atividades das crianças nesses momentos eram sempre de contentamento.

Para visualizar outros saberes, estive por duas vezes com crianças intérpretes em uma casa de farinha da Vila. Na primeira vez, em conversa com a intérprete Renata (11 anos) e a segunda foi acompanhando uma farinhada da família da intérprete Rapunzel (5 anos).

Quando a avó retirou a mandioca do tipiti, Rapunzel (5 anos) perguntou: “Quer a peneira, vó?”. A menina transitava pelos utensílios com familiaridade e quando percebeu que a farinha já ia ser retirada do forno pediu leite com farinha. Conhecia a dinâmica, conhecia os perigos (não chegar perto do forno, não mexer nos utensílios) e tinha consciência do tempo de cada etapa do processo, sabia que após a mandioca espremida seria passada na peneira, sabia o tempo que a farinha sairia quentinha do forno, boa para comer com leite.

João (7 anos), em sua brincadeira de subir na árvore, nos diz que a árvore para fazer lenha é o marupá e o ingazeiro; demonstra assim um saber circunscrito em sua cultura, em que a informação sobre a melhor árvore para tirar lenha foi um saber apreendido na vivência do cotidiano com os mais velhos.

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

Ingold (2001) explica que a noção de mostrar alguma coisa a alguém faz a coisa se tornar presente para pessoa. Na Vila de Santa Maria os mais velhos se dedicam a mostrar aos mais novos. Para o autor, ouvir ou olhar é tomar parte na experiência. A abordagem trabalha o conhecimento como conteúdo mental que de vazamento, preenchimento e difusão pelas margens, é passado de geração em geração como a herança. Ingold (2001) afirma que o aprendizado a partir deste processo é plenamente eficaz e o denominou de *educação pela atenção*.

De acordo com essa teoria, existe uma educação que parte da percepção das coisas concretas. Basta o aprendiz se dispor a olhar, ouvir, cheirar e sentir. As coisas se tornam presentes quando são percebidas com atenção. Isso explicaria o aprendizado que acontece de olhar. Conhecimento do grupo para o indivíduo. Mas alerta, o conhecimento faz um caminho diferente da “representação pública” à “representação correspondente na mente”, do “conteúdo mental” à “prática”. Implica dizer que é no praticar que a afirmação desse conhecimento se evidencia.

Aqui me fundamento para afirmar que, nas crianças da vila de Santa Maria e suas brincadeiras, os saberes do trabalho estão relacionados à captura dos conhecimentos que cada pessoa da Vila tem em suas memórias e vivências; são saberes que se materializam no processo de prática da feitura da farinha, do cuidar da roça, do pescar, do manejo do gado, do uso dos cavalos, da captura do caranguejo e da “pesca” de marrecos.

Em conversa com a intérprete Renata (11 anos) em casa de farinha da Rua da Amizade, a reflexão sobre o uso desse saber que a Vila lhes oportuniza. Para a intérprete, esse saber que aprende na Vila não necessariamente será praticado para sempre. Perguntei à intérprete se ela iria fazer farinha quando crescer, e ela me respondeu:

Capaz, porque a família do meu avô fazia. Capaz deu fazer. (Renata, 11 anos)

De maneira simples e direta, a menina me apresentou a reflexão de que os saberes do trabalho, patrimônio grupal da vila de Santa Maria é também patrimônio individual seu e isso lhe permite usá-lo sem as amarras de obrigação. “Capaz” representa uma possibilidade. Na maturidade de seus 11 anos, Renata me apresenta uma face do que estou chamando nesta pesquisa de *liberdade de*

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

escolha. O conhecimento grupal também é de cada um e a liberdade de uso deste, também.

Aqui as crianças também nos revelam seus saberes em relação à natureza. Com o que nos deparamos em meio a árvores, campos, cavalos, bois, pedras, estradas, rios foi uma criança de expressões e sentimentos que nada estão alheios à maneira como o espaço está organizado e o que nele existe.

A natureza que acompanha a estrada para vila de Santa Maria e a natureza da própria Vila oferecem paisagens de grande beleza. O verde das árvores, o azul de céu e o marrom das águas compõem um cenário rico. Mas é a força que esta natureza tem sobre as vidas do que ali habitam que impressiona e me faz entender que não há como pesquisar as crianças daquele lugar sem perceber a natureza que as rodeia.

O fato de a Vila passar seis meses do ano com seus campos alagados e outros seis meses do ano de terra seca, de vegetação estilo savana, já remete à ideia de como a vida se organiza de maneira diferente em cada um desses períodos na Vila. Por exemplo, é comum as famílias armazenarem lenha no período seco para usar no período cheio, e isso deixa os quintais das moradias cheios de feixes de lenha. O gado e os cavalos são acomodados junto às casas quando os campos enchem, e criados soltos quando estão secos. As frutas costumam aparecer de maneira mais generosa no tempo das cheias e a atividade da pesca ganha força. As crianças nos revelam no brincar de curral, no brincar de casinha organizando a lenha no quintal, no brincar de apanhar frutas muito saberes de seu mundo. Nos saberes de seu mundo está incluído o que sabem dos interditos e da mitologia que envolve a Vila.

Durante a roda de conversa, Mariana (8 anos) falou sobre o poço da mãe d'água, e ao mesmo tempo me convidou para ir até lá, logo tendo adesão de Maria Clara (11 anos) e Neimar (9 anos). Na hora, não entendi o que a menina queria me mostrar, e pensando ser mais uma brincadeira, fiquei curiosa.

Seguimos para o poço. Um caminho que liga seu quintal aos campos. Depois do corredor de mangueira, o caminho se estreitava, as árvores continuavam acompanhando nosso caminhar, mas notei que o mato crescido em volta das árvores indicava que não transitava gente com tanta frequência por ali. De repente,

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

chegamos a uma área verde aparentemente abandonada, e lá estava o poço da mãe d'água.

Ao ver o poço, minhas memórias de infância foram acionadas: lembrei-me daquele poço quando eu, minhas irmãs e minha mãe, em alguns momentos de minha infância na Vila, íamos tomar banho ali. Na verdade, hoje sua aparência estava muito longe daquele poço que conheci um dia. Um buraco arredondado num diâmetro de aproximadamente um metro e meio, aberto no chão do terreno, quase que totalmente coberto de vegetação, em meio a muita folhagem seca acumulada e algumas árvores em volta. Dentro dele, bem ao fundo, água (que ao que tudo indica não era mais utilizada pela casa).

Lembro que em minha infância, aquela era a mais importante fonte de água da casa e enquanto estávamos no local, íamos todo final de tarde com toalha e sabonete em punho puxar água e tomar banho. Lembro-me do episódio de minha irmã vir correndo na nossa frente e cair no poço para desespero nosso e de nossa mãe. Hoje, no entanto, o lugar é misterioso, considerado pelas crianças que me conduziam, o poço da mãe d'água.

Acredito que Mariana convidou-me a ir ao poço porque, ao me acompanhar em minhas andarilhadas pela Vila, percebeu meu interesse pelas coisas diferentes que aconteciam na Vila. Levei conosco a fotógrafa Sabrina Carvalho, já imaginando que poderíamos obter dali boas fotos.

Imagem 24 – Poço da mãe d'água



Fonte: Registro de Sabrina Carvalho (2018).

O poço da mãe d'água está localizado no quintal do terreno antigo de tia Dadá, na Rua da Amizade. Segundo as crianças, ali é a morada de uma mãe d'água que apesar de braba, não assusta quem não mexe com ela.

Ao chegar ao poço, as crianças começaram a contar-me histórias daquele mito:

A vovó disse que ela sai daqui e vai lá pra casa. Eu já ouvi o assovio dela. Um dia, bem assim, apareceu um sapato, toda vez aparece um sapato de mulher. (Mariana, 8 anos)

Acontece coisa ruim com quem não é batizado. (Maria Clara, 11 anos)

Eu estava aqui e levei uma flechada da mãe d'água. Era para prima delas de Tracuateua (aponta para as meninas presentes), e veio em mim. É uma flecha invisível, ninguém vê mas, eu fiquei doente. (Neimar, 9 anos)

A figura da mãe d'água faz parte dos mitos da Vila de uma forma diferente de como aparece em outras cidades amazônicas. Geralmente esse ser sobrenatural é relatado em outras cidades como moradora de igarapés, rios e lagos. O mais conhecido é o mito da lara (ou mãe d'água) que enfeitiça com seu canto os pescadores, atraindo-os para o fundo do rio. Mas, na Vila, segundo os intérpretes Mariana (8 anos), Maria Clara (11 anos) e Neimar (9 anos), a mãe d'água mora no poço desativado da minha velha tia Dadá.

Em outro momento de minhas visitas de pesquisa na Vila, tinha ouvido relatos de mães d'água que assombravam nas ruas escuras da noite, fazendo os cachorros latirem incessantemente. Tio Luiz Maria relatou-me no início da pesquisa, em julho de 2017, com braço engessado devido a sua queda do cavalete que usava para ajudar na colocação de seu portão. Disse da intenção de fechar o terreno com muro e portão porque não aguentava mais tanta mãe d'água assombrando seus cachorros. Relatou que toda noite os bichos tentam acuá-la com latidos e granidos, mas a “peste” (como a chamou) faz zombaria deles.

As falas das crianças revelam um saber sobre os mitos da Vila. Uma mãe d'água que mora num poço com água, mas transita nas casas como uma mãe d'água terrestre que usa sapato de mulher, que assovia e flecha, deixando doente quem é atingido, fazendo mal para quem não é batizado.

No estudo “Um memorial das Matintas Amazônicas”, Fares (2015) conclui que as Matintas podem assumir, na mitopoética amazônica, diferentes figuras, sempre com algumas características peculiares: o assovio, o feitiço, o aspecto assustador. A mãe d’água da vila de Santa Maria parece ser uma das figuras de Matinta Pereira amazônica.

Quase da mesma forma, ouvi de crianças e de adultos da Vila sobre as éguas selvagens. Contam que elas costumam aparecer à noite, galopando, relinchando e invadindo quintais para comer frutas das árvores. Aconteceu que em uma noite na Vila, quase recolhendo-me para dormir, ouvi o galope de cavalos e quanto fui à porta, vi um grupo de equinos (no momento sem saber diferenciar se eram machos ou fêmeas) passando à galope junto a cerca da casa.

Desse dia em diante, passei a acreditar nas éguas selvagens, mas algumas perguntas não consegui respostas até hoje (e talvez não consiga nunca): por que as éguas selvagens só aparecem à noite? Por que vivem soltas? Por que são chamadas selvagens se todos dizem que têm donos?

No grupo de éguas selvagens que vi, havia filhotes. E isso me fez pensar no trabalho campeiro da Vila, de doma dos equinos. Imaginei os cavaleiros resgatando os filhotes nos campos. A atmosfera da caçada, a resistências das éguas em deixar levar os potros, e depois da captura, o trabalho de criação e doma.

As crianças demonstram medo quando falam das éguas selvagens, dizem que não querem nem ver. São elementos que evidenciam um pouco da mitologia do lugar e as crianças demonstram em suas falas e brincadeiras não estarem alheias a esta simbologia.

Na observação do brincar da intérprete Daniele (9 anos), ela contou sobre sua brincadeira de Matinta Pereira. Disse ficar escondida no galho entre as folhas da goiabeira que sua avó tem no quintal, e quando seu primo aparece no quintal, salta do galho, abrindo os braços e gritando como uma Matinta. A figura da Matinta aparece na brincadeira da menina como um ser que assusta, e, da mesma forma que a mãe d’água, é uma figura feminina que oferece riscos. Saberes de um lugar, sua cultura e seu modo de vida constituindo crianças.

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

As crianças nas suas brincadeiras e suas falas demonstram esse saber ora relacionados a própria brincadeira ora relacionados ao lugar onde vivem. E de um jeito singular provocam o encontro da brincadeira com o lugar.

Minha despedida com as crianças e suas brincadeiras foi no mês de dezembro, próximo ao Natal, quando a professora delas me convidou para assisti-las no coral de Natal da escola. Fiz então minha última viagem pela pesquisa. Cheguei à Vila quase na hora da apresentação do coral e fui direto ao encontro delas. Realizavam, numa sala fechada o último ensaio para apresentação. Ao bater na porta, acabei interrompendo o ensaio e só depois de todos acomodados novamente o ensaio pôde recomeçar. A canção falava em laços de união, e aquelas crianças que durante este um ano e meio moveram tantos sentimentos em mim, agora me faziam chorar ao ouvi-las e de tanto que as sentias dentro de mim. Uma ponte tinha sido construída entre nós e tenho certeza que por onde o coração desta pesquisadora bater levará consigo as crianças que brincam e sabem na vila de Santa Maria.

Música: Vamos construir

Quando eu crescer
Sei que ainda sou criança
Tenho muito que aprender
Mas quero ser criança
Quando eu crescer
Nosso mundo é um brinquedo
Com pecinhas para unir
Ele será todo seu
Se você pensar assim
Vamos construir
Uma ponte em nós
Vamos construir
Pra ligar seu coração ao meu
Com o amor que existe em nós
E você que é gente grande
Também pode aprender
Que amar é importante
Pro meu mundo e para o seu
Mas eu tenho a esperança
De você ser meu amigo

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

De voltar a ser criança,
Pra poder brincar comigo
Vamos construir
Uma ponte em nós
Vamos construir
Pra ligar seu coração ao meu
Com o amor que existe em nós
Uh uh, o amor existe em nós
Tudo o que se sonha
Com amor se pode conseguir
Por que tudo é assim, é assim
E a gente vive muito mais feliz.

(Composição: Naomi Judd, 1992)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, tentei responder questionamentos a respeito do brincar de crianças. Um brincar que há muito se mostra para professora que existe em mim, como ensinamento. E, de pano de fundo, responder sobre o maravilhamento que sempre foi para mim brincar na Vila de Santa Maria de Tracuateua-PA. Estamos falando de um lugar de campos naturais, uma verdadeira savana brasileira de singularidade difícil de explicar.

É claro que esta pesquisa não tem a pretensão de responder todo o universo dos questionamentos e inquietações que circundam as intenções de estudo do lúdico e da brincadeira, ou mostrar em linhas o que a vila de Santa Maria é e representa, mas as reorganizam em um recorte possível no tempo e no propósito do curso de mestrado. Diante desse recorte possível, desenvolvi esta pesquisa com a seguinte pergunta: *Quais os saberes que perpassam o brincar das crianças da Vila de Santa Maria?*

E no caminho de respostas, tive contato com várias pesquisas e obras relacionadas ao brincar de criança, mas ainda existe muito a responder sobre os saberes produzidos por crianças e o brincar que é manifestação de saberes.

Pesquisas como de Simei Andrade (2018), Nazaré Carvalho (2006), Érica Peres (2018), Dilma Silva (2017), Fernanda Aviz (2016), Shirley Nascimento (2014), avançaram em responder sobre a especificidade de ser criança na Amazônia.

Nesta pesquisa, trabalhando com a ludicidade, compreendi que as crianças falam através da brincadeira. Na pesquisa, precisei calar para poder compreender. Um dos primeiros desafios foi aprender a ouvi-las.

No caminhar, a crença na existência humana pelas relações sociais; a certeza na intenção científica de desvelar conhecimentos; e a inviabilidade de neutralizar a construção humana e social que direcionavam minhas ações em fazer a pesquisa.

Para tanto, o método da etnometodologia ajudou-me a entender que, em se tratando de um estudo em uma comunidade específica e em um grupo de sujeitos em singularidade, o parâmetro tinha que ser o modo de vida daquelas pessoas, o que tornou a pesquisa um estudo do cotidiano. O referido método, beneficiou-se das estratégias do trabalho etnográfico para a observação do cotidiano e a descrição das observações.

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

E o trânsito que me propus a fazer pelo caminho da ludicidade foi ao encontro da minha formação em educação, direcionando-me a investigar pela ludicidade o saber.

O *Homo ludens* a que se refere Huizinga (2004) está na matriz humana e lhe marca como ser aprendente, criador, de imaginação e sentimentos. E para as crianças da pesquisa, a dosagem dos vários graus de pertencimento e liberdade constitui o que cada criança é e, conseqüentemente, o que demonstram saber em suas brincadeiras.

O campo da sociologia da infância se fez presente, inevitavelmente, no diálogo da pesquisa, principalmente na ideia do protagonismo das crianças em seus movimentos de existências, nas relações sociais estabelecidas globalmente, inter e intrageracionalmente. Isso significou olhar cada criança da pesquisa como única.

Na organização do *corpus* da pesquisa, um primeiro destaque na percepção que as brincadeiras das crianças aconteciam quase sempre nos quintais das casas. Este é um interessante elemento para o aprofundamento de estudo. Mas o que se somou a ele na direção do desvelamento de saberes, focou minhas atenções. Atentei para observação que no brincar das crianças da vila de Santa Maria existe um fazer, haja vista que se coloca em atividade vivente que na ideia de “educação pela atenção” de Ingold (2015) produz conhecimento.

Outra conclusão da pesquisa é a mobilização de sentimentos que o brincar provoca, funcionando como um ativador de patrimônio sensível em cada criança. Aqui nos auxiliou a ideia de Vigotsky (2009) sobre imaginação e criação além, de ideias do autor a respeito da influência do meio sobre a criança.

Na mesma direção dos sentimentos mobilizados pelo brincar, a pesquisa com as crianças da vila afirmou no caráter lúdico um positivo pertencimento ao campo das “coisas inúteis” provocador do devaneio, do transe e do êxtase a que se refere Duvinoud (1982).

A pesquisa também transitou por saberes que analisei oriundos da própria brincadeira, que Brougère (1998) chamou de “cultura lúdica”: tudo na brincadeira é ensinado, a exemplo do anúncio das regras e as explicações do que pode e o que não pode no brincar.

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

A cultura lúdica é afirmada pelas brincadeiras das crianças da vila de Santa Maria como um repertório de brincadeiras que circulam por entre seus brincantes.

Na vila de Santa Maria, os saberes do lugar singularizam o brincar e todas as brincadeiras se vestem da Vila, de maneira que não existem, daquela maneira, em outro lugar. São saberes do trabalho na Vila, de sua natureza, de seus mitos e suas lendas e toda realidade do lugar.

Muitas pesquisas têm afirmado uma Amazônia assim: igual na relação com a natureza, no reconhecimento das tradições de seus povos originários, na mitopoética que materializa a alma da floresta e dos rios nas pessoas. Mas incrivelmente diferente pela organização de sua geografia e modos de vida. De maneira a nos surpreender em cada canto diferente desse continente de árvores chamado Amazônia.

Sobre saberes, se foi possível tirar conclusões, sinalizamos a existência de um saber infantil, porque a análise nos movimentos corporais das crianças mexerem a lama na panela, por exemplo, evidenciam o conhecimento dos diversos utensílios relacionados à atividade de preparo da comida, o que se costuma comer na Vila, como se comporta a pessoa que cozinha e qual a finalidade de comer. Quem brinca com caminhões, por exemplo, pega a estrada para Capanema, Bragança e Belém, demonstrando um saber da geografia posicional das cidades vizinhas e todo um itinerário de costume dos motoristas da Vila.

Esses possíveis saberes infantis coletados estão relacionados à captura dos conhecimentos que cada pessoa da Vila tem em suas memórias e vivências. São saberes de crianças que possivelmente surgem da convivência com os adultos no seu cotidiano. É o que acontece, por exemplo, como intérprete João que diz que a árvore para fazer lenha é o marupá e o ingazeiro, demonstrando um saber circunscrito em sua cultura, cuja informação foi um saber construído na vivência do cotidiano com os mais velhos.

Essas evidências credenciam os adultos junto às crianças e nos confirmam que a relação adulto/criança dá suporte às brincadeiras. Portanto, os adultos são importantes nas situações lúdicas.

Na pesquisa, reconheci que o acúmulo de conhecimento sobre as singularidades de ser criança está a afirmação da brincadeira como atividade

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019.

principal de existência, sendo brincar pauta indispensável para o entendimento do sujeito criança a nível de interação, desenvolvimento e conhecimento.

Na Amazônia, a arborização dita a brincadeira, os rios são espaços do brincar, os seres encantados da mitopoética estão na pauta das crianças. Na vila de Santa Maria, uma Amazônia que tem tudo isso e mais os seis meses de cheia e os seis meses de seca mudando o ritmo do trabalho, da organização de vida e consequentemente do brincar da criança do lugar.

A pesquisa pode ter descoberto que as crianças demonstram saber quando brincam e que brincam com a natureza. Os exemplos do brincar descritos dão sinais para acreditarmos nessa afirmação e isto está longe de significar que a verdade está acabada, mas o exposto já é um bom material impulsionador de outras buscas. Então que tal continuarmos perguntando para as crianças... Bora brincar?

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Simeia Santos. **A infância da Amazônia marajoara: sentidos e significados das práticas culturais no cotidiano das crianças ribeirinhas da Vila de Piriá-Curralinho/PA** (Tese de doutorado). Programa de pós-graduação em educação/Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte – MG, 2018.

AVIZ, Maria do Livramento. Memórias e tradições culturais: um diálogo sobre estratégias de organização e participação camponesa nos Campos Naturais no Município de Tracuateua-Pa. **Revista Maré**, 2013.

AVIZ, Fernanda Regina. **O olhar da criança do campo sobre a cultura local: um estudo em uma escola de Tracuateua-PA** (Dissertação Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2016.

BARCHELARD, G. **O ar e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 2003a.

_____. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2003b.

_____. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo** (Tradução de Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro). Lisboa: Edições 70, 1979.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

BERALDO, K, CARVALHO, A. Na cidade grande. In: **Brincadeiras e cultura: viajando pelo Brasil que brinca**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2003, p. 157-185.

BICHARA, Ilka Dias; OTTA, Emma. **Estudo etológico da brincadeira de faz-de-conta em crianças de três a sete anos**. 1994. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

BRANDÃO, Carlos. **Educação como Cultura**. Campinas-SP: Mercados das Letras, 2002.

_____. **Nós, os humanos: da vida à cultura**. São Paulo: Cortez, 2015.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. São Paulo, **Rev. Fac. Educ.** vol.24, n. 2, p.103-116, July/Dec. 1998.

CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens**. Lisboa: Ed. Cotovia, 1990.

CARDOSO, Antonio Carlos Bittencourt. **Conselho Tutelar como instrumento de participação e de efetivação da política social de atendimento da criança e do adolescente** (TCC-Departamento do Direito Público e Filosofia do Direito/UFRGS). Porto Alegre, 2011. Disponível em: www.lume.ufrgs.br >... > TCC Ciências Jurídicas e Sociais. Acesso em: 11 dez. 2017.

CARVALHO, Ana M.; PEDROSA, Maria Izabel. **Teto, ninho, território:** brincadeiras de casinha. In: **Brincadeiras e cultura:** viajando pelo Brasil que brinca. São Paulo: Casa do psicólogo, 2003.

CARVALHO, Nazaré. CARVALHO, Nazaré Cristina. **Entre o rio e a floresta:** Um estudo o imaginário e da ludicidade de crianças Ribeirinhas. (Tese de Doutorado) Universidade Gama Filho, Programa de Pós-graduação em educação Física. Rio de Janeiro, 2006.

CORRÊA, Sergio. Trabalho, saberes, identidades e tradições nas comunidades rurais-ribeirinhas. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (Org.). **Cartografias ribeirinhas:** saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas. Belém: EDUEPA, 2008.

COSTA, José Newton. **As novas regras do jogo para o acesso aos recursos naturais da Reserva Extrativista Marinha de Tracuateua** (Tese de doutorado). UFPA/IFCH/Programa de pós-graduação em Ciências Sociais, Belém, 2014.

DUVIGNAUD, Jean. **El Juego Del Juego.** Santa Fé de Bogotá, Colombia: Fondo de Cultura Economica, 1982.

FARES, Josebel. **Um memorial das Matintas amazônicas.** Belém: Fundação Cultural do estado do Pará, 2015.

FIANS, Guilherme Moreira. **Imanências, verdades e contingências:** uma etnografia de brincadeiras infantis (Dissertação). Pós-graduação em Assistência Social/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens:** o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

GEERTZ, Clifford. **O saber local:** novos ensaios em Antropologia Interpretativa (tradução de Vera Joscelyne). Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2017.

INGOLD, Tim. **From Transmission of representation to education of attention.** In: Whitehouse, H, The debated mind: evolutionary psychology versus ethnography, Londres e Nova York: Berg Publishers, 2001.

_____. **Estar vivo:** ensaios sobre Movimento, Conhecimento e Descrição. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MARQUES, Anízia A. N. **Ludicidade e o simbolismo na infância:** um estudo hermenêutico em uma brinquedoteca escolar do município de São Luís/MA (Dissertação). Pós-graduação em Educação/Universidade Federal do Maranhão. São Luís-MA, 2013.

MACHADO, Meire Luci Bernardes Silva. **Brincadeiras tradicionais em espaços escolares e não escolares:** um estudo na perspectiva de Gaston Bachelard (Dissertação). Pós-graduação em educação/Universidade de Uberaba. Uberaba – MG, 2014.

MAFFESOLI, M. **Elogio da razão sensível**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MAGALHÃES, Celina, SOUZA, Adelaide, CARVALHO, Ana. **Piras no Riacho Doce**. In: **Brincadeira e Cultura**: Viajando pelo Brasil que brinca. São Paulo: Casa do psicólogo, 2003.

MELO, Lucia. **Etnometodologia e Educação** (texto digitado-de circulação restrita revisado e apresentado aos pós-graduandos do Curso de Mestrado em Educação). CCSE/UEPA, Belém, 2017.

MINAYO, Cecília. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

NASCIMENTO, Shirley Silva do. **Saberes, brinquedos e brincadeiras**: vivências lúdicas de crianças da comunidade quilombola Campo Verde/PA (Dissertação de mestrado). Universidade do Estado do Pará, Programa de Pós-graduação em Educação. Belém-PA, 2014.

PARÁ, Governo do Estado. **Política de Educação Infantil**. Belém-PA, 2010.

PERES, Érica. **Crianças quilombolas marajoaras**: saberes e vivências lúdicas (Dissertação de mestrado). Universidade do Estado do Pará, Programa de Pós-graduação em Educação. Belém- PA, 2018.

PINHEIRO, Itamar de Medeiros. **O brincar da criança indígena sateré-mawé**: elo entre a socialização e a formação cultural (Dissertação). Pós-graduação em educação/Universidade Federal do Amazonas. Manaus-AM, 2016.

ROCHA, Eloisa A. C. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Silvia H. V (Org.). **A criança fala**: a escuta das crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008, p. 45-51.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para um novo senso comum**: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. São Paulo: Cortez, 2009. Conteúdo: V.1. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência.

SANTOS, Cássia C. B. **O Brincar nas produções do conhecimento da Creche UFF** (Dissertação). Pós-graduação em Educação/ Universidade do estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, Mai/Ago. 2005 361. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 11 dez. 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Dilma oliveira da. **Crianças que dançam, crianças que louvam**: saberes e processos educativos presentes na Marujada de Tracuateua/PA (Dissertação de Mestrado). Universidade do Estado do Pará, Programa de pós-graduação em educação, 2017.

SOUZA, Solange J; CASTRO, Lucia R. Pesquisando com crianças: subjetividade infantil, dialogismo e gênero discursivo. In: CRUZ, Silvia H. V (Org.). **A criança fala: a escuta das crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.

VIEIRA, Therezinha; CARNEIRO, Marcia S; MATOS, Danielle P; TEIXEIRA, Ivo; Daniela M. Imaginação, emoção e brincar: buscando compreender essas relações. In: BOMTEMPO, Edda; GOING, Luana C. (Orgs.). **Felizes e brincalhões: uma reflexão sobre o lúdico na educação**. Rio de Janeiro: Walk editora, 2012.

VIGOTSKY, Lev Semionovich. **A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança** (trad, Zóia Prestes). In Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais, Vol-Junho/2008

_____. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores/Lev Semionovich Vigotski: apresentação e comentários** Ana Luiza Smolka; tradução Zóia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

WEBER, Sueli. **Crianças indígenas da Amazônia: brinquedos, brincadeiras e seus significados na comunidade Assurini do Trocará** (Mestrado em Educação). Pós-graduação em Educação/Universidade do Estado do Pará. Belém-PA, 2015.

APÊNDICE

APÊNDICE A



GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO – CCSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Of. nº 02 /2018 – PPGED – CCSE – UEPA

Belém, 07 de fevereiro de 2018.

Ilm^a. Prof^a.
Mary Sandra O. Gonçalves
Diretora da Escola Municipal Francisco Nascimento

Considerando a pesquisa “Obrincar de crianças na Vila de Santa Maria – Traquateua-PA: saberes e vivências”, a ser realizada pela mestranda KALY NACY LISBOA REGO, sob a orientação da Prof^a. Dr. **Nazaré Cristina Carvalho**, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Pará, vimos solicitar a V. S^a. autorização para que a pesquisa seja realizada nesta instituição de ensino, vinculada a Secretaria Municipal de Educação (SEMED).

A referida pesquisa tem como objetivo levantar dados para sua dissertação e precisa ser executada no período que se estenderá no período de fevereiro de 2018 a fevereiro de 2019.

Esperamos poder contar com a colaboração desta conceituada escola, ao mesmo tempo informamos que todos os cuidados éticos previstos serão tomados.

Atenciosamente.

Tânia Regina Lobato dos Santos
Prof^a. Dr. TÂNIA REGINA LOBATO DOS SANTOS
Vice-Coordenadora do PPGED-CCSE-UEPA

Recebi
09.02.2018

Francisco Nascimento
INEPIMEC 15057909
POLO X SEMED

Andressa P. de Azeite
Diretora
07/02/18

Prof^a. Dr^a. Tânia Regina Lobato dos Santos
Vice-Coordenadora do Mestrado em Educação
CCSE/UEPA

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

“O BRINCAR DE CRIANÇAS NA VILA DE SANTA MARIA-TRACUATEUA/PA: SABERES E VIVÊNCIAS”

Pesquisadora Responsável:

Kaly Nancy Lisboa Rego

Pedagoga

Pesquisadora Assistente:

Nazaré Cristina Carvalho

Instituição a que pertence a Pesquisadora Responsável:

Universidade do Estado do Pará – UEPA

Travessa Djalma Dutra, 156.

Instituição coparticipante:

Escola Municipal Francisco Nascimento

Telefones para contato: (91) 984454902

Nome do(a)

voluntário(a): _____

Idade: _____ anos

O(A) Sr.(^a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa “**O BRINCAR DE CRIANÇAS NA VILA DE SANTA MARIA-TRACUATEUA/PA: SABERES E VIVÊNCIAS**”, de responsabilidade da pesquisadora **Kaly Rego**, mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará- matrícula 20177501021. Esta pesquisa tem por objetivo analisar o brincar das crianças na Vila de Santa Maria em Tracuateua-PA para o entendimento da relação cultural desta atividade.

A sua participação dar-se-á por meio de entrevistas abertas com roteiro semiestruturado ou conversas informais (no caso das crianças). Para o registro das falas, pretendo utilizar anotação direta das respostas. Caso V. S^a. concorde, utilizarei um gravador, e as falas serão posteriormente transcritas. Também com a concordância de V^a S^a poderá ter o registro de imagens via fotografias.

Durante a execução do projeto, **será evitado, à participante, constrangimentos ou trazer à memória experiências e situações que causem um desconforto emocional** também ficará **sob sigilo da pesquisa o conteúdo das entrevistas e as imagens capturadas** que se enquadram ao nível de riscos mínimos. Caso a V.S^a se sinta desconfortável ou deseje fazer alguma reclamação, poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável pelo seguinte número: (91) 987532310. Ou o comitê de ética da pesquisa pelo endereço cep_uepa@hotmail.com

A fim de evitar tais desconfortos, a instituição proponente (UEPA) garantirá acompanhamento psicológico e assistência social durante e após o processo de coleta de dados. Caso ocorra algum dano decorrente da pesquisa, será garantida indenização pela pesquisadora responsável via reparação do dano. Será de inteira responsabilidade da pesquisadora responsável as despesas tidas com a pesquisa pelos participantes da pesquisa e delas decorrentes. Além disso, será garantida a confidencialidade das informações geradas e a privacidade da voluntária, pois a referência ao mesmo será feita através de iniciais dos nomes ou nome fictício criado pelo pesquisador.

Após as gravações seguidas das transcrições das entrevistas, V. S^a(participantes) terá acesso às entrevistas transcritas, obtendo a total autonomia para decidir se o conteúdo deve ou não ser publicado no relatório da pesquisa, ainda que as suas identidades não sejam reveladas.

Os benefícios advindos da execução e análise deste projeto perpassam pela possível contribuição de conteúdo. Vale ressaltar que sua participação é VOLUNTÁRIA e poderá ser interrompida a qualquer momento, quando irei devolver-lhe todos os depoimentos anotados e/ou gravados, sem que haja nenhum prejuízo para V. S^a. Os temas desta pesquisa são: criança, brincadeira e cultura. O(A) voluntário(a) NÃO será obrigada a responder qualquer questão ou dar qualquer entrevista que não seja de sua livre vontade. Este documento deverá ser assinado em duas vias, sendo uma para o pesquisador e outra para o voluntário.

Após ler e receber explicações sobre a pesquisa, e ter meus direitos de:

1. receber resposta a qualquer pergunta e esclarecimento sobre os procedimentos, riscos, benefícios e outros relacionados à pesquisa;
2. retirar o consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo;
3. não ser identificado e ser mantido o caráter confidencial das informações relacionadas à privacidade;
4. procurar esclarecimentos com os Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Pará-Centro de Ciências Biológicas e de Saúde-CCBS, Trav: Perebebuí 2623, fone: 3131-17-04; E-Mail: cep_uepa@hotmail.com

Eu, _____,
 declaro que li as informações sobre a pesquisa e me sinto perfeitamente esclarecida sobre o conteúdo da mesma. Declaro ainda que, por minha livre vontade, aceito participar, assim como aceito que meu (minha) filho(a) _____ participe cooperando com a coleta de informações para a mesma.

Belém: ___/___/___

Participante da pesquisa (responsável de criança)

Pesquisadora Responsável

APÊNDICE C

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM

Termo de Autorização para Utilização de Relatos escritos, Imagem e Som de Voz para fins de pesquisa

Eu, _____, autorizo a utilização de meus relatos escritos, imagem e/ou som de voz), na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado **O brincar de crianças na Vila de Santa Maria-Tracuateua/PA: Saberes e Vivências** sob responsabilidade de **Kaly Nancy Lisboa Rego e Nazaré Cristina Carvalho** (orientador da pesquisa), vinculada a **Universidade do Estado do Pará-UEPA** (instituição proponente).

Autorizo meus relatos **escritos, imagem e som de voz** serem reproduzidos, publicados ou exibidos pelos materiais de divulgação e informação produzidos pela referida pesquisa, após aprovação no Comitê de Ética desta Fundação.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha identidade, imagem, nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto aos dados codificados nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas acima. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de responsabilidade do(a) pesquisador(a) responsável pela referida pesquisa e, após o período de 5 anos a contar a partir da data de publicação da pesquisa, os mesmos serão inutilizados.

Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, dos meus relatos escritos, imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Belém, ____/____/____

Assinatura do Participante

APÊNDICE D

TERMO DE COMPROMISSO DA PESQUISADORA

Referência: O brincar de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA: Saberes e vivências

Pesquisadora Responsável: Kaly Nancy Lisboa Rego

A quem possa interessar:

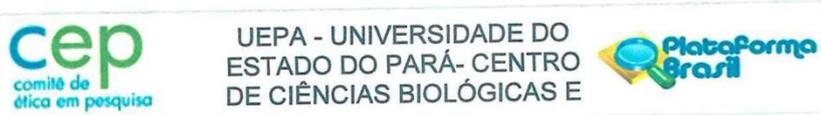
Eu, **KALY NANCY LISBOA REGO** da Universidade do Estado do Pará-UEPA, portadora do CPF 022274347-67 e pesquisadora responsável do estudo “**O brincar de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA: Saberes e vivências**” declaro que o projeto de pesquisa, acima mencionado, será conduzido conforme requisitos e diretrizes estipuladas na Resolução CNS 466/12 e toda a regulamentação complementar relativa à ética em pesquisa que envolva seres humanos e assumo, neste termo o compromisso de:

1. Somente iniciar a Pesquisa após a sua aprovação junto aos Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade do Estado do Para-UEPA. Caso a Pesquisa seja interrompida, informar tal fato ao CEP, de forma justificada;
2. Na ocorrência de evento adverso grave comunicar imediatamente ao CEP, bem como prestar todas as informações que me forem solicitadas;
3. Ao utilizar dados e/ou informações coletados no (s) relatórios do(s) sujeito(s) da Pesquisa, ou materiais outros relacionados a vida pesquisados, assegurar a confidencialidade e a privacidade dos mesmos;
4. Destinar os dados coletados somente para o projeto ao qual se vinculam. Todo e qualquer outro uso deverá ser objeto de um novo projeto de Pesquisa que deverá ser submetido é apreciado no colegiado dos Comitê de Ética e Pesquisa da UEPA;
5. Apresentar relatório final, sobre o desenvolvimento da Pesquisa ao CEP;
6. Esclarecer aos participantes os objetivos e os procedimentos que serão utilizados na pesquisa, com o detalhamento dos métodos a serem utilizados;
7. Explicitação dos possíveis desconfortos e riscos decorrentes da participação na pesquisa, além dos benefícios esperados dessa participação e apresentação das providências e cautelas a serem empregadas para evitar e/ou reduzir efeitos e condições adversas que possam causar danos, considerando características e contexto do participante da pesquisa;
8. Esclarecimento sobre a forma de acompanhamento e assistência a que terão direito os participantes da pesquisa, inclusive considerando benefícios e acompanhamentos posteriores ao encerramento e/ ou a interrupção da pesquisa;
9. Garantia de plena liberdade ao participante da pesquisa, de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma;
10. Garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa durante todas as fases da pesquisa; garantia de que o participante da pesquisa receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;

Belém, ___/___/_____.

Pesquisadora

APÊNDICE E



COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Pesquisa sobre saberes infantis
Pesquisador: KALY NANCY LISBOA REGO
Versão: 2
CAAE: 91072518.0.0000.5174
Instituição Proponente:

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 061656/2018
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Informamos que o projeto Pesquisa sobre saberes infantis que tem como pesquisador responsável KALY NANCY LISBOA REGO, foi recebido para análise ética no CEP UEPA - Universidade do Estado do Pará- Centro de Ciências Biológicas e da Saúde - Campus II em 07/06/2018 às 22:05.

Endereço: Trav. Perebebui, 2623 (1º andar da biblioteca do Campus II da UEPA)
Bairro: Marco CEP: 66.087-670
UF: PA Município: BELEM E-mail: cep_uepa@hotmail.com
Telefone: (91)3131-1781



Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Trav. Djalma Dutra, s/nº – Telégrafo
www.uepa.br/mestradoeducacao